



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E  
CULTURA

Lou Shuo

**MÍDIA, CHINESIDADE E A VIDA SOCIOCULTURAL DOS SINO-  
CARIOCAS: HISTÓRIA E PERSPECTIVAS**

Rio de Janeiro

2017

LOU SHUO

**MÍDIA, CHINESIDADE E A VIDA SOCIOCULTURAL DOS SINO-  
CARIOCAS: história e perspectivas**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Comunicação e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Mohammed ElHajji

RIO DE JANEIRO-RJ

2017

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Moha, por me dar a oportunidade de retornar ao Brasil, pela confiança e orientação incansáveis durante o meu mestrado.

Agradeço à ECO e aos excelentes docentes envolvidos neste trabalho por me acolherem e ampliarem generosamente a minha visão de mundo em Ciências da Comunicação.

Agradeço aos meus pais, pelo carinho interminável por sempre me darem apoio emocional e material. Agradeço também, por aceitar a minha ausência nas inúmeras reuniões de família.

Agradeço ao Diego, por me apoiar desde o primeiro dia que nasceu este trabalho na biblioteca da Universidade de Macau no verão de 2014, pelas madrugadas revisando e discutindo sobre este trabalho comigo no Rio, por ser um amigo tão carinhoso e especial no dia-a-dia.

Agradeço à Isabel pelas conversas inspiradoras sobre esta pesquisa durante caminhadas pelo Rio, e por ser minha gêmea.

Agradeço à Marie pela amizade e pela companhia, por fazer essa jornada no Rio ser inesquecível e memorável.

Agradeço a todos meus amigos que fizeram parte desses dois anos do mestrado, e à mais querida amiga, Mel, por me acompanhar nos momentos de tristes e felizes, à Zita, ao Florian, ao Blaise, ao Alex, à Anny, à Blenda, à Rayanne, à Ketty, ao Rafael, e todos os outros envolvidos.

Agradeço ao Rio de Janeiro por ser o fundo da paisagem desses dois anos da minha vida.

## RESUMO

Esta pesquisa busca entender a contribuição da imprensa chinesa produzida no Brasil na vida sociocultural dos sino-cariocas - datada desde os anos 60. Os dois jornais analisados são: Diário Chinês para a América do sul e Jornal Chinês Americana. A análise da história da formação da comunidade chinesa no Brasil, da dinâmica da migração chinesa e da construção dessa imprensa étnica chinesa servem como uma contextualização social para refletir e desconstruir o discurso midiático desse tipo de meio de comunicação. Utiliza-se a teoria da Semiologia para interpretar a linguagem escrita e imagética dos jornais supracitados. Além disso, com base nos conceitos teóricos da *chinesidade* e do trabalho de campo realizado, observa-se a atual situação da convivência dos chineses imigrantes no Rio de Janeiro. Ao final, aborda-se o estudo da nova dimensão do uso midiático digital e transnacional pelos sino-cariocas para destacar a perspectiva dos chineses em rede no século XXI.

**Palavras-chave:** Imigração chinesa; Jornais chineses; *Chinesidade*; Discurso midiático; Mídia Étnica; Identidade; Mídia Digital.

## ABSTRACT

This research seeks to understand the contribution of the Chinese press produced in Brazil in the sociocultural life of the Sino-Cariocas - dating from the 60s. The two newspapers analyzed are: Chinese Diary for South America and Chinese American Journal. The analysis of the history of the formation of the Chinese community in Brazil, the dynamics of Chinese migration and the construction of this Chinese ethnic press serves as a social contextualization to reflect and deconstruct the media discourse of this type of medium. The theory of Semiology is used to interpret the written and imaginative language of the aforementioned newspapers. Moreover, based on the theoretical concepts of “Chineseness” and the fieldwork carried out, the current situation of the coexistence of Chinese immigrants in Rio de Janeiro is observed. Finally, the study of the new dimension of the digital and transnational media use by the Sino-Cariocas to highlight the perspective of the Chinese network in the 21st century is presented.

**Key-words:** Chinese immigration; Chinese newspapers; Chineseness; Media speech; Ethnic Media; Identity; Digital media.

## 摘要一

本文研究自上个世纪六十年代至今巴西华文媒体对里约华人社会文化生活的影响，其中在巴西华人社区影响力最大的纸质媒体《南美侨报》和《美洲华报》为重点研究对象。巴西华人移民史和华人社区的形成，以及华文媒体的诞生和发展历程的回顾作为宏观社会背景，解构和分析移民媒体的话语方式。引述传播符号学与汉字表意美学作为理论依据探讨华文报纸承载的图像语言和文字语言。此外，通过对中国性以及海外华人身份认同等概念的深度剖析，结合实地考察方法论，阐述里约华人社区在异乡的生存现状。最后，此文解析里约华人新媒体消费现状和跨国媒介景观，用以勾勒二十一世纪巴西华文媒介场域。

**关键词：**华人移民，华文报纸，中国性，媒介话语，移民媒体，身份认同，新媒体。

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1</b> -Pátio dos Cules no centro de Macau	24
<b>FIGURA 2</b> - Macaenses jogando mahjong	56
<b>FIGURA 3</b> -Fachada da Associação Cultural Chinesa no Rio de Janeiro	59
<b>FIGURA 4</b> -A apresentação do Jornal Chinês do Brasil dos anos 60	67
<b>FIGURA 5</b> -A apresentação do Jornal Chinês Americana dos anos 80	67
<b>FIGURA 6</b> - Propaganda do jornal chinês da companhia aérea Pan Am	70
<b>FIGURA 7</b> - Manchete do Diário Chinês para América do Sul	73
<b>FIGURA 8</b> - Gráfico da porcentagem de consumo midiático pelos sino-cariocas em diferentes mídias	75

## LISTA DE TABELAS

<b>TABELA 1</b>	53
-----------------	----

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>1. HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO CHINESA NO MUNDO E NO BRASIL</b>	<b>15</b>
1.1 Primeira onda migratória chinesa rumo ao mundo: tráfico de <i>coolies</i> e perigo amarelo	17
1.2. Segundo fluxo migratório no mundo - abertura econômica da China e migrações contemporâneas	20
1.3 A imigração chinesa no Brasil – o colapso do sonho de plantação de chá e a <i>China Tropical</i>	23
1. 4. Segundo fluxo migratório chinês no Brasil	28
<b>2.A MÍDIA CHINESA NO BRASIL: UM OLHAR PANORÂMICO</b>	<b>31</b>
2.1. Do discurso intelectual à “ <i>chinesidade</i> ”: teorias sobre comunicação e midiaticização transnacional no cenário das migrações contemporâneas	32
2.2 História e gênese dos jornais chineses no Brasil	37
2.2.1 <i>Diário Chinês para a América do Sul</i>	38
2.2.2 <i>O jornal Chinês “Americana”</i>	42
2.2.3 <i>O Jornal Taiwanês Semanal</i>	43
2.3 Um novo panorama: a atual imprensa chinesa no Brasil	44
<b>3. IDENTIDADE E VIDA SOCIOCULTURAL DOS CHINESES NO RIO DE JANEIRO</b>	<b>48</b>
3.1 A questão recorrente da Identidade: de Stuart Hall a Wang Guangwu	48
3.2 Convivência atual dos grupos migratórios chineses no Rio de Janeiro e a identidade sino-carioca	52
<b>4. O PAPEL DA MÍDIA CHINESA NA VIDA SOCIOCULTURAL SINO-CARIOCA</b>	<b>61</b>
4.1 Quadros teóricos da Semiologia ocidental e oriental	61

4.2 Análise do discurso dos jornais chineses no Brasil – a desestruturação do mito midiático	65
4.3 Imigrantes chineses em rede: novas dimensões midiáticas	74
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>82</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>85</b>
<b>ANEXO</b>	<b>89</b>

## INTRODUÇÃO

Das portas da orla carioca para a entrada dos primeiros imigrantes chineses no século XIX à cultura do chá em terras cariocas, a adaptação cultural das antigas e novas gerações sino-brasileiras contou com a ajuda de distintos meios de comunicação. No ano de 2012, a imigração chinesa completou 200 anos no Brasil e, atualmente, habitam 300 mil chineses e descendentes em terras brasileiras, ultrapassando o número em outros países da América.

Desta forma, o elevado número de imigrantes marcou o surgimento da imprensa étnica em sua língua materna. O jornal em chinês tem sua origem datada do início da década de 1960, depois de meio século de desenvolvimento. No momento, os dois jornais mais populares que servem como plataformas informativas da comunidade chinesa no Brasil são o Diário Chinês para a América do Sul e o Jornal Americana, ambos com sede em São Paulo. Portanto, aborda-se neste trabalho a imprensa étnica voltada para comunidades de imigrantes chineses no sudeste brasileiro - a partir de meados do século XX – tendo como principal objetivo a análise do papel destas mídias na vida sociocultural da comunidade sino-carioca. Neste caso, a questão da identidade é vista como destaque na literatura sobre esses produtos midiáticos e na formação da comunidade do seu alvo-público.

Vale lembrar do artigo do sociólogo Max Weber (2005) sobre sociologia da imprensa, em que o autor propõe o estudo científico dos jornais no campo da sociologia:

A imprensa introduz, sem dúvida, deslocamentos poderosos nos hábitos de leitura e com isso provoca poderosas modificações na conformação, no modo e na maneira como o homem capta e interpreta o mundo exterior. A constante mudança e o fato de se dar conta das mudanças massivas da opinião pública, de todas as possibilidades universais e inesgotáveis dos pontos de vista e dos interesses, pesa de forma impressionante sobre o carácter específico do homem moderno (WEBER, 2005, p.20).

Assim, o material dos próprios jornais é considerado como um ponto de partida da análise sociológica do autor, tanto pelo estudo do seu estilo quanto pelos modos em que os problemas são discutidos dentro e fora do jornal. Visando, então, entender a influência dos jornais aos seus leitores. Um dos principais inspiradores

teóricos deste trabalho, Robert E. Park (1922), destaca sobre a importância de estudos da imprensa migratória da seguinte forma:

Por meio dessa imprensa, os habitantes do grande mundo exterior podem ter uma visão íntima do mundo dos imigrantes. Ler alguns desses jornais estrangeiros é como olhar através de um buraco da fechadura em uma sala iluminada (Tradução nossa, PARK, 1922, p113).<sup>1</sup>

No caso dos jornais chineses, podemos encontrar valiosas informações sobre a vida sociocultural dos imigrantes chineses no Brasil. Contudo, ainda há poucos estudos acadêmicos brasileiros nesta área. Assim, os jornais aqui serão vistos como um caleidoscópio que refletirão a cor e o ângulo diversificado do modo de viver dos chineses no Brasil. Exemplo disso, então, é o Jornal Chinês do Brasil dos anos 60, no qual encontra-se grande quantidade de reportagens detalhadas sobre o trajeto artístico de Chang Dai-Chien, pintor chinês residente no estado de São Paulo na época, também conhecido como o Picasso da China (GORGULHO, 2013). Esses artigos jornalísticos possuem valor acadêmico para a história das artes plásticas e para entender o processo da interação cultural sino-brasileira na criação do próprio artista.

Além disso, os jornais chineses aqui pesquisados foram, durante muito tempo, um canal de divulgação de anúncios oficiais e de cartas do governo chinês para os imigrantes no território brasileiro. Em meio aos trechos das mensagens transmitidas ao seu povo no ultramar, percebe-se a evolução da relação diplomática entre o Brasil e a China. Neste caso, o lado oriental inclui ambos a República da China – hoje mais conhecida como Taiwan - e a República Popular da China, fundada em 1949 após a revolução comandada por Mao Tsé-Tung. Assim, os jornais podem contribuir de forma expressiva para a análise do campo de política internacional.

Em relação à abordagem teórica, pretende-se fugir do ponto de vista eurocêntrico e introduzir pensadores chineses para a academia brasileira. Desta forma, esse trabalho teve como prioridade o destaque dos estudos de acadêmicos chineses. Assim, o diálogo entre as teorias dos dois mundos - o ocidente e o oriente - irá

---

<sup>1</sup> [texto original] Through the medium of this same press the inhabitant of the big outside world may get an intimate glimpse into the smaller world of the immigrant. Reading some of these foreign papers is like looking through a keyhole into a lighted room.

contribuir para preencher lacunas no campo dos estudos migratórios e midiáticos no Brasil.

Assim, no primeiro capítulo será abordada a contextualização histórica sobre a imigração chinesa na escala mundial e nas terras tupiniquins. No capítulo seguinte, serão analisados os estudos sobre os eixos da China Cultural e *Chinesidade*<sup>2</sup> de Tu Weiming. O autor argumenta que o fenômeno da migração chinesa abre um espaço mais abrangente para pensar e discutir sobre a “*chinesidade*” - o modo de abordar uma espécie de consciência de “ser chinês”. A partir do discurso desse autor, observa-se a história e a gênese dos jornais chineses no Brasil, com a finalidade de entender seu contexto sociocultural de surgimento e desenvolvimento.

No terceiro capítulo, analisa-se a vida associativa sino-carioca e também os primeiros trabalhos de campo realizados nas visitas aos eventos festivos organizados pelas associações chinesas no Rio de Janeiro. Uma perspectiva pessoal é encontrado na abordagem, pelo fato da autora deste trabalho ser parte integrante da construção da identidade sino-carioca. Assim, através da convivência, observação e diálogos cotidianos, a autora revela a sensação de estar dentro desse conjunto de pessoas cuja tradição, estética e língua as torna parte de uma mesma comunidade fora de seu país de origem.

Ainda no terceiro capítulo, então, destaca-se o diálogo entre as teorias de Stuart Hall(2003,1996) sobre os estudos culturais e a teoria de Wang Guangwu(1994, 2000) sobre a história migratória chinesa. As duas teorias nasceram dentro de contextos socioculturais diferentes, a saber, uma na era pós-colonial e a outra na China desde as dinastias do Império chinês. No discurso de ambas, no entanto, encontram-se o ponto de vista de uma identidade migratória cada vez mais plural e fragmentada na sociedade híbrida moderna.

Por fim, no último capítulo, será analisada a aproximação dos estudos da vida associativa com o campo dos meios de comunicação, os quais vêm contribuindo para costurar o sentido social, cultural e político dos sino-cariocas. Para confirmar essa

---

<sup>2</sup> O termo Chinesidade, traduzido de inglês chineseness, segundo Daphenee Lee(2016, p15), é uma identificação de uma entidade (um individual, grupo social, território ou religião) de ser “chinês”, junto com os seus direitos associados, obrigações, afiliações de relacionamento and exclusões. Chinesidade pode referir-se ao relacionamento cultural, étnico, linguístico, nacional and outros relacionamentos territoriais, e associada diretamente ou diretamente com a identidade.

conexão, serão avaliados os discursos dos jornais chineses no Brasil, em uma pesquisa qualitativa. Para interpretar as informações e mensagens conotativas desses jornais, será empregada a teoria semiológica – campo que estuda o processo da significação do discurso social.

Vale lembrar, ademais, que um ponto de vista do Oriente será encontrado no enfoque da teoria referida. Coloca-se, então, a semiologia inspirada na sabedoria oriental em diálogo com a Mitologia de Roland Barthes(1964, 1980). A linguagem verbal e não-verbal que constroem as mensagens dos jornais, então, seriam parte importante na influência do resultado da recepção das informações pelo público-alvo leitor. A última parte do trabalho concentra-se na análise das novas mídias como parte complementar do espaço midiático chinês no Brasil. Utiliza-se o instrumento da pesquisa de questionário para analisar o costume de consumo dos meios de comunicação pelos imigrantes chineses. Três plataformas serão apresentadas neste capítulo: o site BRASILCN.COM, o site BXQW.COM e o uso da rede social Wechat pelos comerciantes chineses.

Além dessa perspectiva acadêmica, é reiterado que este trabalho nasce da experiência pessoal da autora, construído a partir de constantes perguntas retóricas do dia-a-dia: Qual é sua verdadeira identidade? Como se identifica depois de ter ficado longe da minha terra natal por cerca de sete anos? Qual seria sua postura perante à tradição chinesa? A resposta para isso, aos olhos de Stuart Hall, seria:

Conheço intimamente os dois lugares, mas não pertencço completamente a nenhum deles. E esta é exatamente a experiência diaspórica, longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda, perto o suficiente para entender o enigma de uma “chegada” sempre adiada (HALL, 2003, p.415).

No meu caso, sempre sonhava em sair do meu lugar, o lugar situado no extremo nordeste da China, onde os rios e lagos congelam completamente no final do ano. No fundo da minha memória da infância, lá é o lugar onde convivem os mitos e as superstições dos camponeses idosos, os cantos com ritmos aclamados do Budismo e as intermináveis construções civis e industriais no horizonte do meu olhar.

Assim, a motivação de escapar do meu lugar fez-me começar a aprender inglês e trocar cartas escritas com jovens estrangeiros. Tinha cerca de 13 anos e a minha fonte de felicidade era o momento quando chegavam em minhas mãos essas cartas com carimbos exóticos. Recebia presentes de Natal, livros de Harry Potter em inglês, cadernos coloridos da Coreia do Sul, etc.

Sentia-me diferente na escola por ter mantido comunicação frequente com as pessoas de vários continentes do planeta. As línguas compostas por aquelas letras latinas, como uma ferramenta sólida, construíram uma utopia, um não-lugar, um mundo imaginário onde eu poderia contatar pessoas de bagagens culturais distintas. A minha identidade e o modo de me ver, então, também passaram por transformação fundamental nos anos da adolescência, devido às trocas de ideias e a interpenetração de valores com os amigos estrangeiros.

Penso que às vezes os imigrantes compartilhem o mesmo sentimento que eu. Seria a sensação de pertencimento e não pertencimento de um determinado lugar, como descreve Sayad (1999): a dupla ausência de ser o ator de imigrar e emigrar ao mesmo tempo. Ainda, segundo Simmel (2005), a experiência de estar dentro e fora, de ser um estrangeiro familiar. Para Julia Kristeva(1991, p.4), ser estrangeiro é um limite frágil entre a fuga e a origem. De acordo com Park(1928, p892), estrangeiro pode ser visto como um homem na margem de duas culturas e sociedades, que nunca se interpenetram e fundem completamente – um homem marginal.

A teoria da economia neoclássica já não consegue explicar os fenômenos de casos variáveis de migração de hoje em dia. O ato de se migrar muitas vezes nasce de um desejo pessoal, de quebrar o paradigma moral, da necessidade de tornar essa viagem uma realidade, independentemente das dificuldades financeiras, da distância geográfica e das barreiras linguísticas e culturais. Esse trabalho é, portanto, uma forma de trazer aos olhos curiosos dos brasileiros para os sino-cariocas e as mídias criadas por eles.

Através da análise do conteúdo dos jornais e entrevistas realizadas durante o trabalho de campo, pretende-se chegar a resposta da indagação principal desse trabalho: qual é o papel desses jornais na inserção de imigrantes chineses cariocas na

sociedade brasileira, e a sua relevância na formação da identidade sino-brasileira.  
Seria o de preservar, integrar ou ambos?

## CAPÍTULO 1

### HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO CHINESA NO MUNDO E NO BRASIL

Os chineses, descendentes do Imperador Amarelo<sup>3</sup>, filhos do Dragão, sempre estiveram em constante deslocamento. Desde os primórdios da Dinastia Han<sup>4</sup>, as incansáveis jornadas da Rota da Seda - em que se transportavam o chá e a porcelana dentre outros produtos exóticos chineses, de vários cantos do País até os confins da Terra - cooperaram para acelerar a interpenetração cultural, social e econômica entre as civilizações europeias e do extremo Oriente.

Ao longo do processo da difusão do Confucionismo<sup>5</sup> também nota-se a mobilidade humana. Os anos de exílio de Confúcio marcaram a vida desse grande pensador. Assim, o mestre da filosofia oriental atravessava as fronteiras para que as suas ideologias políticas fossem implementadas pelos imperadores da época, sua cosmovisão e seus valores éticos logo influenciaram grande parte da Ásia.

De semelhante modo, a narrativa ficcional chinesa também registra tal fenômeno. Um dos quatro romances clássicos do país - Jornada ao Oeste, escrito no século XVI - narra a viagem lendária e mística da procura da fé budista do monge Xuanzang até a Índia. Protegido por figuras que possuem poderes extraordinários, o trajeto do Xuanzang simboliza a dor, a paixão, a esperança, a coragem, a convicção e, principalmente, o valor dos chineses em relação à descoberta de outras regiões do mundo.

No campo cinematográfico encontra-se a mesma realidade. O filme “O Mundo” do diretor chinês Jia Zhangke (MUNDO, 2014), mostra esse desejo de escapar da geração à deriva: jovens do interior que tentam construir uma nova vida nas cidades grandes da China através do deslocamento regional. Inspirado num

---

<sup>3</sup> Em chinês, “Huang Di”. Existe o mito sobre o Imperador Yan que foi o outro ancestrado da civilização chinesa, assim, o termo “Yan Huang Zi Sun” - “Descendentes de Imperadores Yan Huang” também é usado para definir o povo chinês.

<sup>4</sup> Dinastia chinesa que durou de 206 a.C. até 220 d. C., o reino da dinastia Han é considerado um dos grandes períodos da história da China.

<sup>5</sup> O Confucionismo é um sistema de filosofia chinesa criado por grande mestre Confúcio desde a. C. 500, possui valor de ética social, da ideologia política, da tradição literária e de um modo de vida individual e coletivo. O pensamento Confucionista tem influência forte no âmbito da construção dos valores morais da maioria parte do povo da zona Leste da Ásia.

parque temático na capital chinesa, em que se encontram miniaturas dos marcos históricos do mundo inteiro, a narrativa do filme envolve o cotidiano dos trabalhadores do parque. A amizade da protagonista com sua companheira russa ultrapassa a barreira linguística e cultural e mostra a vontade de conhecer destinos estrangeiros. O parque é uma metáfora do espaço imaginário em determinado tempo real (JIA, 2004).

Não seria diferente no presente. A rapidez da construção civil e o crescimento da oferta de trabalho nos núcleos urbanos nos últimos vinte anos motivaram milhares de chineses residentes no campo a deixarem seus lares. No período do ano novo chinês de 2017, 130 milhões de chineses viajaram para chegar a suas terras natais, e cerca de 3 bilhões de viagens foram realizadas, o que demonstra a força dessa imensa mobilidade humana – a maior migração de seres humanos no nosso planeta (EMBURY-DENNIS, 2017). Portanto, assim são os chineses: sempre estão no caminho, sempre nos deslocando, sempre à procura de um destino imaginado.

A partir da dinâmica do deslocamento humano do povo chinês, busca-se contextualizar a história da diáspora chinesa no mundo. O recorte deste capítulo é referente à imigração chinesa em terras brasileiras: as questões do deslocamento e adaptação dos chineses e seus descendentes nos locais onde imigraram a partir do século XVI. Para a formulação deste capítulo, foram consideradas duas pesquisas prévias: o trabalho de Ana Cláudia Minnaert (2015) sobre a comida chinesa em Salvador na Bahia, em que a autora analisa a história da migração do povo chinês na escala mundial; e os trabalhos publicados por de Chen Tairong e Liu Zhengqin, um casal de diplomatas chineses, que se dedicaram à pesquisa da história da imigração chinesa no Brasil.

Cabe ressaltar a história da resistência dos “*coolies*” - mão de obra chinesa enviada para os destinos ultramarinos– especialmente no Brasil no contexto da expansão do capital do mundo ocidental no século XIX. Em paralelo, neste capítulo, pretende-se fazer uma breve releitura crítica do historiador Gilberto Freyre, considerado orientalista por sua obra *China Tropical* – com destaque para o pensamento do Lusotropicalismo e a sua ideia sobre “como o Brasil absorveu os valores chineses ao longo dos anos da colonização portuguesa”.

A última parte deste capítulo reflete acerca da questão do fenômeno da saída de cidadãos após a tomada do poder pelo Partido Comunista Chinês a partir dos anos 50 - as migrações contemporâneas chinesas no Brasil. Composta por imigrantes de origens distintas, essa nova onda de mobilidade humana impulsionou o surgimento dos meios de comunicação no idioma chinês em território brasileiro, tema que é o objetivo desta pesquisa.

### **1.1 Primeira onda migratória chinesa rumo ao mundo: tráfico de *coolies* e perigo amarelo**

No começo, quando você vê um “coolie” na estrada, empunhando sua carga, este lhe parece como um objeto agradável que chama a atenção(...) você logo será informado, com um tolerante dar de ombros **que os coolies são animais e que por dois mil anos, de pai para o filho, carregaram seus fardos...** (MAUGHAM, 1922, tradução nossa)<sup>6</sup>

O primeiro fluxo migratório chinês no mundo foi composto principalmente pelos trabalhadores *coolies*<sup>7</sup>. Como descreve o escritor britânico no trecho acima, o termo referido literalmente significa mão de obra amarga e dura em chinês. Sua presença em países estrangeiros foi acompanhada de conflitos raciais e discriminação cultural. Os imigrantes eram considerados “perigo amarelo” na perspectiva dos nativos. Por terem sido inseridos forçadamente nas sociedades, os trabalhadores de pele amarela eram vistos como ameaças indesejáveis para o mercado de trabalho dessas regiões, principalmente em nações do Novo Mundo que se encontravam na fase da construção.

Neste trabalho, considera-se essa história fundamental para pensar a atual relação étnica entre os imigrantes chineses e os demais integrantes do território migratório no cenário contemporâneo. Os estudos voltados aos imigrantes chineses do século XXI necessitam de uma retrospectiva histórica. A chegada da sociedade do

---

<sup>6</sup>(texto original) At first when you see the coolie on the road, bearing his load, it is as a pleasing object that he strikes the eye...you will be told with a tolerant shrug of the shoulders that the coolies are animals and for two thousand years from father to son have carried burdens...(MAUGHAM, 1922)

<sup>7</sup> Coolie (também grafado cooly, culi, kuli, quli, koelie) é um termo usado historicamente para designar trabalhadores braçais oriundos da Ásia, especialmente da China e da Índia, durante o século XIX e início do século XX. Na China, o termo Kuli foi empregado para se referir ao trabalhador não qualificado. Ku significa amargor ou sofrimento, e Li, força ou poder.

extremo oriente em países colonizados criou um perfil estereotipado da migração chinesa: baixo nível de intelectualidade, incapacidade de domínio da língua local (sotaque forte), falta de integração à sociedade (o silêncio em assuntos políticos), estranhos hábitos e comportamento no quotidiano (o mito da alimentação e culinária chinesa), em suma, o evidente choque cultural.

Há hipóteses diferentes na área acadêmica relativas ao começo da história da migração chinesa. Adota-se aqui a teoria do historiador estadunidense Philip A. Kuhn (2008, p.3)<sup>8</sup>. Em sua obra *Chinese Among Others: Emigration in Modern Times*, o autor aponta que o início da imigração chinesa era relacionado com a chegada do *tempo moderno* do país: o ano 1567 da dinastia Ming. Esse ano marcou a chegada da modernidade chinesa, devido a volta dos negócios marítimos privados, política que fora proibida no país por décadas, causando seu isolacionismo. Com as novas regras mais liberais e com os benefícios do comércio internacional, o número de imigrantes chineses aumentou consideravelmente. O destino de expedições marítimas nessa época concentrava-se principalmente no Sudeste Asiático através do Oceano Índico.

Segundo MINNART (2015, p.107), em 1661, a dinastia Ming chegou ao fim por ser atacada e conquistada pelos Manchus<sup>9</sup>, etnia que fundou o último Império da China - a dinastia Qing. Para enfraquecer o poder restante da dinastia anterior, os novos imperadores resolveram dificultar o comércio marítimo nas áreas costeiras do território, impossibilitando as viagens de negócios no mar. Assim, muitos habitantes dessa área não conseguiram sustentar a vida devido à falta de recursos comerciais. Inúmeras vilas ficaram abandonadas nessa época e a pobreza ameaçava a vida dos habitantes.

Enquanto a China adotou regimes mais restritos de comércios marítimos, o desenvolvimento do mundo ocidental encontrava-se em expansão no exterior. Em 1807, o regime de comércios de escravos foi abolido pelo Reino Unido. Para substituir os escravos negros, que trabalhavam principalmente no setor de agricultura e da construção de ferrovias, as colônias europeias iniciaram a procura da nova fonte

---

<sup>8</sup> Philip A. Kuhn (Setembro 9, 1933 – Fevereiro 11, 2016), historiador americano, professor da linguagem e civilização da Ásia Oriental da Universidade de Harvard, suas obras abrangem área da história da dinastia Qing e da diáspora chinesa.

<sup>9</sup> Os manchus são um grupo étnico que teve origem no nordeste da Manchúria. Conquistaram a dinastia Ming no século XVII e fundaram a dinastia Qing, que governou a China até 1911.

da importação de mão de obra. O tráfico de trabalhadores chineses e indianos foi intensificado nessa época. Assim, começou a era do processo do tráfico de *coolie* chinês do século XIX (*ibidem*).

MINNAERT (2015, p.109) relaciona os seguintes fatores históricos do processo do tráfico *coolie*: 1) Uma população chinesa miserável, fragilizada por guerras e desastres naturais<sup>10</sup>; 2) O fim da escravidão dos africanos e a necessidade crescente de mão de obra para alimentar as colônias europeias e a construção de novos centros na Oceania e América. A ambição da expansão do capital das colônias era o motivo fundamental desse processo de tráfico humano. Através da assinatura de um contrato de trabalho, muitos chineses embarcaram nos barcos e partiram para continente americano e para a Europa. Hong Kong e Macau eram dois portos controlados pelos europeus naquela época, sendo também duas saídas principais da exportação de trabalhadores chineses.

Vale lembrar que as condições de trabalho dos *coolies* eram similares a dos escravos negros,

A rede de tráfico era complexa e envolvia agentes do governo, companhias de navegação e comércio, fazendeiros, traficantes, piratas estrangeiros e chineses. Traficantes faziam acordo com piratas ou intermediários chineses, a fim de obter prisioneiros de guerra, endividados em jogos ou mesmo pessoas que eram sequestradas e trancadas à força em barracões, construídos para este fim. Falsas promessas, enganos, sequestros, violência eram ações comuns a serem empregadas para aumentar o contingente de contratados (MINNAERT, 2015, p.113).

No caso dos Estados Unidos, os *coolies* possuíam mais liberdade devido à particularidade da legislação do país.<sup>11</sup> No entanto, com o aumento do número de chegada dos *coolies* e a ocupação de posto de trabalho, o sentimento xenofóbico contra os imigrantes chineses emergiu entre o povo norte americano. No território ocorreram vários conflitos, tensões e atos de exclusão entre os brancos e os chineses, que eram considerados como “perigo amarelo”(*ibidem*).

---

<sup>10</sup> Entre 1848 e 1888, após a Rebelião de Taiping(1851-1864), um dos conflitos mais sangrentos da história chinesa, deixou milhares de chineses viver na condição de extreme miséria e fome. Liderado por Hong Xiuquan, tinha como objetivo de criar uma nova China na qual as novas ideologias substituem a tradição confucionista e budista. Nesse conflito morreram cerca de dois milhões de pessoas e mais de dois milhões de pessoas optaram sair do seu território para procurar uma vida mais estável.

<sup>11</sup> Em 1854, nos Estados Unidos, os chineses receberam o direito de suspender seu contrato de trabalho, desde que passagem toda sua dívida.

Em 1862, através da aprovação do Ato Anti-Coolie pela legislatura do Estado da Califórnia, o país impediu legalmente o tráfico de *coolies*. A restrição e a discriminação da imigração chinesa duraram décadas no país. Em 1882, foi assinado o Ato de Exclusão, proibindo a entrada de toda imigração de trabalhadores chineses nos Estados Unidos, o único na história do país que a excluir radicalmente a migração de um povo específico. (*ibidem*).

A partir da segunda metade do século XIX, a migração *coolie* enfraqueceu gradualmente, tanto pela mudança da política do regulamento do comércio de emigrantes do governo chinês quanto pela pressão das ideias abolicionistas dos países europeus. O governo chinês interviu no regulamento do tráfico de *coolie* após implementar investigações nos países que concentravam esse tipo de trabalhadores. A alta taxa de mortalidade, os maus tratos e a situação dos falsos contratos ganharam notoriedade. Em 1872, a saída de trabalhadores chineses da China foi proibida definitivamente. No ano seguinte, o governo britânico que apoiava intensamente abolicionismo, impediu o tráfico de *coolie* partir dos portos de Hong Kong. Assim, o tráfico de *coolie* chegou no ponto derradeiro da sua história (*ibidem*).

## **1.2. Segundo fluxo migratório no mundo - abertura econômica da China e migrações contemporâneas**

Neste subcapítulo, aborda-se o contexto histórico do surgimento do segundo fluxo migratório chinês no mundo. Em contraste aos *coolies*, a migração contemporânea chinesa possui um caráter mais estável e autônomo, além de destinos mais variados. As guerras da Indochina<sup>12</sup>, ocorridas entre os anos 1947 e 1979, estimularam um grande número de descendentes chineses que habitavam no Sudeste da Ásia a deixarem a região. Muitos desses refugiados da guerra partiram para América do Norte, Austrália e Europa, locais onde havia necessidade de trabalhadores estrangeiros após a Segunda Guerra Mundial (MINNAERT, 2015, p.123).

---

<sup>12</sup> As Guerras na Indochina foram uma série de guerras travadas no Sudeste Asiático a partir de 1947 até 1979, entre nacionalistas vietnamitas contra forças francesas, americanas e chinesas. O termo "Indochina" inicialmente refere-se à Indochina Francesa, que incluía os atuais estados do Vietnã, Laos e Camboja. No uso corrente, aplica-se em grande parte a uma região geográfica, em vez de um espaço político.

No entanto, paralelo a isso, houve maior restrição à saída dos chineses do país e o cruzamento da fronteira ficou ainda mais difícil. Nos primeiros anos do estabelecimento da República Popular da China<sup>13</sup>, o governo comunista tomou medidas de intenso controle da mobilidade humana para fora da república recém-nascida. Principalmente, na época da Revolução Cultural<sup>14</sup>, a migração chinesa era quase inexistente. Nesse período de instabilidade política, o ato de se emigrar era visto pelo partido como uma traição ao governo (*ibidem*).

A história imigratória chinesa entrou em uma nova fase a partir de 1978, ano em que o líder do partido Deng Xiaoping implementou a política de abertura de mercado e reforma econômica no país. Devido as trocas comerciais cada vez mais dinâmicas e internacionais, a China abriu sua porta para o mundo ocidental depois de décadas de isolamento. Ao mesmo tempo, os fluxos migratórios chineses tornaram-se forças laborais beneficiadoras para o desenvolvimento socioeconômico da China (*ibidem*).

Percebe-se que as modificações da política migratória do país muitas vezes refletem-se na política da emissão de passaportes pelo estado. Nos primeiros anos pós-abertura econômica, apenas dois grupos de cidadãos possuíam esse tipo de documento: um composto pelos chineses além-mar e um outro por estudantes. Cabe ressaltar, ainda, que a saída de migração estudantil foi uma decisão política.

Devido à suspensão do ensino superior ao longo dos anos da Revolução Cultural, o país enfrentou dificuldades de falta de elites intelectuais para se dedicarem na construção da nova China. Esses jovens emigrantes eram considerados como mão de obra preparada e qualificada para retornarem ao país depois dos estudos. Entre 1979 a 1991, cerca de 950.704 estudantes partiram da China (*ibidem*).

Enquanto a Hong Kong e Macau, devido à sua longa história colonial pelos ingleses e portugueses e também por causa das suas localizações geográficas - ambos

---

<sup>13</sup> Com o término de Guerra Civil chinesa entre forças chinesas nacionalistas e comunistas em 1949, o partido Comunista tomou o controle da China continental. Em 1 de Outubro do mesmo ano, Mao Tsé-tung proclamou a criação da República Popular da China.

<sup>14</sup> A Revolução Cultural Chinesa foi uma profunda campanha político-ideológica levada a cabo a partir de 1966 na República Popular da China, pelo então líder do Partido Comunista Chinês, Mao Tsé-tung, cujo objetivo era neutralizar a crescente oposição que lhe faziam alguns setores menos radicais do partido, em decorrência do fracasso do plano econômico Grande Salto Adiante (1958-1960), cujos efeitos acarretaram a morte de milhões de pessoas devido à fome generalizada, fato conhecido como a fome de 1958-1961 na China.

são portos do comércio que liga a China com o resto do mundo - os habitantes nessas duas áreas sempre possuíram mobilidade para além das fronteiras. As duas regiões retornaram à soberania chinesa no final dos anos 90<sup>15</sup>. Devido a incerteza do futuro de ambas sob o controle do governo chinês, muitos habitantes destas deixaram a sua terra, fazendo com que diversos deles se tornassem figuras públicas ativas na história contemporânea da migração chinesa.

Com a chegada do novo milénio, em 2001, a China entrou na Organização Mundial de Comércio, demonstrando o seu desejo de participar no mercado da globalização da produção. A troca frequente de negócios com o exterior no século XX acelerou evidentemente as movimentações dos chineses para fora do país. A composição de imigrantes mudou: agora, eles englobam profissionais mais qualificados, como empresários, técnicos e empreendedores. Assim, o crescimento da educação da classe média evoluiu o perfil de imigrantes do novo século.

Paralelo à saída dos imigrantes qualificados, o número da imigração ilegal também tem aumentado e ocupado grande percentagem dos chineses no exterior. Esse grupo de imigrantes vêm principalmente de três regiões: Fujian, Zhejiang e Cantão. Os imigrantes indocumentados criaram redes de traficantes para manter a continuação do tráfico de mão de obra para os países estrangeiros. A relação de parentesco é um fator relevante nesse processo de migração.

Segundo o relatório anual dos imigrantes chineses internacionais divulgado em 2015, até aquele ano, mais de 60 milhões de chineses vivendo no além-mar estavam espalhados no mundo. Além dos países do Sudeste Asiático, que tradicionalmente recebem mais imigrantes chineses, surgiram novos destinos no continente africano, americano e europeu. Em cerca de 60 cidades ao redor do mundo, o número de imigrantes chineses ultrapassa cem mil pessoas. As estatísticas do Ministério de Segurança Pública chinês mostraram que, nos últimos anos, a taxa de anual de

---

<sup>15</sup> Macau e Hong Kong atualmente são duas regiões administrativas especiais da China. Macau voltou para a soberania chinesa no dia 20 de Dezembro de 1999, antes desta data, Macau foi colonizada e administrada por Portugal durante mais de 400 anos e é considerada a última colónia europeia na Ásia. Hong Kong retornou para China no dia 1 de julho de 1997 após ser controlado pelos britânicos. A era colonial teve grande influência na atual cultura de Hong Kong, muitas vezes descrita como o lugar onde o "Oriente encontra o Ocidente".

emissão de passaportes aumentou em 20%. Em 2014, o departamento emitiu 16 milhões de documentos, ocupando o primeiro lugar no mundo (WANG, 2015).

### **1.3 A imigração chinesa no Brasil – o colapso do sonho de plantação de chá e a *China Tropical***

O menino vem de longe, desse tempo em que os sino-africanos eram tidos como cidadãos de segunda e aprendiam a envergonhar-se da sua origem cultural e religiosa. (COUTO, 2010)

No começo deste subcapítulo, vale ressaltar as experiências vividas por Mia Couto, escritor moçambicano em *A China Dentro de Nós* ao lembrar sua infância compartilhada nos anos 60 com o seu amigo chinês, imigrante da segunda geração na cidade da Beira. Segundo ele, os sino-africanos, que chegaram no território moçambicano como mão de obra importado do sul da China, eram vistos como cidadãos de segunda classe e sofreriam frequente discriminação cultural e religiosa. Esses chineses tinham vergonha da sua origem e tradição, sem conhecimento nenhum da sua língua.

Do outro lado do oceano atlântico, a história da chegada dos primeiros imigrantes chineses na colônia portuguesa do continente americano também envolve as questões semelhantes: os conflitos étnico-raciais entre os imigrantes chineses e os locais; as discriminações culturais; a ameaça chinesa para a formação do estado-nação brasileiro.

O centro histórico de Macau é extremamente romântico no olhar de muitos seus visitantes hoje em dia, pelo fato da influência portuguesa ainda persistir na vida cotidiana dessa terra oriental. Nos calçadões de pedras portuguesas, nas placas de ruas feitas de azulejo branco e azul, é que convivem juntas a língua de Camões e o ideograma chinês tradicional. Nos prédios antigos do estilo colonial espalhados na selva de concreto, entre as igrejas católicas e os templos budistas com cheiro de incenso queimado, no doce sotaque de Patuá falada e cantada pelos macaenses, ou nos pratos típicos com um toque de sabor mediterrâneo - é essa hibridação cultural que construiu a imagem da antiga colônia portuguesa.

No entanto, as ruas estreitas e antigas que ligam até o cartão postal da cidade – as Ruínas de São Paulo, local onde acontecia a venda de *coolies* - eram testemunhas desta indústria sangrenta do tráfico humano nos anos da colonização. Observa-se na rua Pátio dos Cules, o local foi batizado com este nome por ter concentrado um grande número de *coolies* na época. Esses trabalhadores que embarcaram nos portos de Macau foram marcados, enganados, vendidos e abusados no ultramar durante os anos de contratação (CLAYTON, 2010, p,188)

**Figura 1** Pátio dos Cules no centro de Macau



Disponível em: <http://caderno-do-oriente.blogspot.com.br/2010/05/paltar-no-patio-dos-cules.html>

Enquanto a região celebra a sua fama do “Ocidente encontra o Oriente”, festeja as heranças culturais, econômicas e jurídicas de mais de 400 anos sob a governação lusófona, a história protagonizada por esses primeiros imigrantes chineses talvez mereça mais contemplação e recordação. Afinal, foi importação de mão de obra ou exploração laboral da era colonial?

No contexto da migração chinesa no Brasil, junto com a região chinesa referida, o Rio de Janeiro também desempenhou papel fundamental no começo dessa história. Segundo LESSER (2001), em 1812, proximamente 400 a 500 chineses saíram de Macau e foram enviados para cultivar o chá na fazenda imperial de Santa

Cruz e no Jardim Botânico do Rio de Janeiro. A importação de mão de obra chinesa era uma política de interesse econômico dos portugueses. Na época, a China e a Inglaterra dominavam esse mercado devido às plantações de chá em massa. A popularidade mundial do consumo de chá e os lucros gerados motivaram Portugal a tornar o Brasil um produtor em potencial.

Entretanto, devido às condições desfavoráveis do solo e clima, o chá não vingou no território brasileiro igual às outras plantas introduzidas de origem asiática, como a jaqueira, a mangueira, canela-da-china, etc. Além disso, a Inglaterra monopolizou o mercado mundial de exportação de chá, dificultando a popularidade do chá carioca no exterior. De acordo com a pesquisa de campo de CHEN e LIU (2012), no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, ainda sobrevive um pé de chá que foi plantado pelos primeiros imigrantes chineses datado há mais de 200 anos atrás, tratando-o como um símbolo da resistência do povo chinês ultramar.

Apesar disso, LESSER (2001) salienta os conflitos frequentes entre os chineses e os donos de fazendas da época. Os maus tratos e a dura condição de trabalho causavam fugas frequentes de trabalhadores chineses rumo à cidade do Rio de Janeiro. Para sustentar a vida numa cidade estranha sem falar o idioma, muitos deles se tornaram mascates ou cozinheiros, vendendo nas ruas peixes e pastéis nas ruas cariocas. São profissões que hoje em dia se encontram ainda bastante populares entre os imigrantes chineses nas cidades do Brasil. Essa inserção silenciosa dos chineses nas ruas brasileiras também está registrada na obra de Gilberto Freyre (2003):

Aqui apenas recordamos que durante a primeira metade do século XIX vários grupos de orientais foram introduzidos no Brasil, concorrendo com sua presença para acentuar influências do Oriente aqui visíveis ou apenas sensíveis desde o primeiro século de colonização portuguesa, quando numerosos mascates parecem ter chegado do Oriente (FREYRE, 2003, p. 44).

MINNAERT (2015, p. 119) salienta três funções primordiais da migração no Brasil desta época: fornecer mão de obra, colonizar o país e branquear o povo. A partir de um olhar eurocêntrico, havia uma preferência por nacionais de pele branca por intelectuais e pelas autoridades da época. Esse mesmo olhar eugenista contra à importação da migração chinesa está nos trabalhos de LESSER (2001, p.9). O autor

reflete a postura social do país da época e conclui que “a entrada dos chineses nunca pode ser desvinculada das ideias sobre o futuro do Brasil”. A imagem do povo chinês na época era associada a uma civilização desclassificada e fracassada.

Contudo, cabe ressaltar que os chineses foram a fonte principal de mão de obra da construção da ferrovia no Brasil devido à falta de trabalhadores. Durante 1855 até 1858, os chineses foram importados para a operação da construção da Estrada de Ferro D. Pedro II, que depois foi renomeada a Estrada de Ferro Central do Brasil em 1889. No entanto, devido à prevalência de malária em 1855, dentre outras doenças tropicais, milhares de trabalhadores chineses perderam suas vidas. Segundo CHEN e LIU (2015), mais de cinco mil chineses morreram durante a construção, e os corpos deles foram queimados no local onde logo depois se tornou uma cidade que ganhou o nome Queimados, município localizado no estado do Rio de Janeiro, em homenagem aos imigrantes chineses mortos nesta época.

Em 1883, na cidade do Rio de Janeiro, a Companhia de Comércio e Imigração Chinesa foi inaugurada. No entanto, a proposta de introduzir 21,000 chineses não se realizou, apenas 1,000 chineses chegaram no território brasileiro. Esse grupo de imigrantes foi enviado para trabalhar na Companhia Mineradora de São João d’El-Rey, a maior mina da América do Sul (SHU, 2010).

No mesmo período, o governo chinês adotou uma política mais rigorosa em relação à exportação de trabalhadores para fora do país, devido à alta taxa de morte e aos contratos engenhosos. Depois de várias tentativas não sucedidas voltadas à importação de *coolies*, o governo no Brasil implementou a medida de negociação com os japoneses. Tal grupo de imigrantes, em meados do século XX, se tornaram a maior comunidade asiática no território brasileiro (*ibidem*).

Vale ressaltar que no capítulo “O Oriente e o Ocidente”, do livro Sobrados e Mucambos de Gilberto Freyre, revela uma imagem pouco conhecida da sociedade patriarcal brasileira, abordando as cidades portuárias desde os primórdios da colonização até o século XIX. Segundo o autor, a cidade do Rio de Janeiro, Salvador de Bahia e Recife constituíam “semicolônias” sob tantas influências orientais persistentes: sobretudo, em seu estilo arquitetônico, na trajetória e nos gestos do povo brasileiro, em sua culinária, desde a plantação e até a estética e a moralidade, etc.

Diversas inflexões dessas culturas do Oriente se refletiam e se traduziam na vida cotidiana dessa nação que ainda estava em fase de formação da sua identidade. (FREYRE, 2003)

Os símbolos culturais, morais e materiais orientais do povo mouro, indiano e chinês, foram trazidos ao Brasil através de importação de mão de obra e trocas comerciais marítimas da época. Por um lado, o comércio português interligava o continente americano à Ásia e ao Oceano Índico e, assim, aceleravam-se as trocas e deslocamentos materiais e humanos com rapidez entre as suas colônias. Por outro lado, a característica da “plasticidade” do Brasil levou a uma assimilação dos valores orientais de forma natural e generosa, fazendo desses valores algo que pertencesse a si mesmo. Assim, a metáfora do Brasil como “China Tropical” foi criada pelo autor, para definir a sua característica de absorção e transformação da cultura estrangeira. (*ibidem*).

Tendo em vista a crítica de SCHWARCZ (2010), o sociólogo brasileiro referido muitas vezes aborda os temas nacionais a partir da sua memória sensorial e privada, como a descrição de cheiros, aromas, sabores e imagens. A memória privada, neste caso, pretende superar a memória coletiva nos escritos do autor. Além disso, as obras clássicas do autor, muitas vezes, demonstram sua postura de exaltação à violência e o sadismo presentes ao longo da era da escravidão.

Também vale relembrar a doutrina polémica do autor – lusotropicalismo, indicando a relação especial de Portugal com os trópicos colonizados, sobre a sua interpenetração cultural com as colônias a partir da empatia inata e criativa do povo português. O tal pensamento do escritor brasileiro foi valorizado oficialmente pelo governo português para a construção do imaginário nacional depois dos anos 50, a fim de propagar a imagem da relação unificada de Portugal com as colônias no mundo. Como argumentado por Freyre no seguinte trecho:

Deve haver alguma coisa de semelhante entre o Brasil e a velha mais sempre jovem civilização chinesa, com a qual os portugueses estabeleceram, em Macau, profunda aliança, baseada não na força, mas no amor fraternal, não no poder imperial de uns sobre outros, mas na compreensão recíproca. Deve haver alguma coisa de semelhante entre a China por assim dizer eterna e o jovem ainda verde Brasil. Semelhança que tem impressionado mais de um observador arguto (FREYRE, 2013, P.175).

A partir disso, percebe-se novamente o silêncio do sociólogo brasileiro sobre o conflito e a exploração dos interesses políticos e econômicos do imperialismo ocidental. Perante ao processo de migração forçada – a importação de mão de obra chinesa, não levando em consideração a realidade social vigente, que foi de tortura, mal-tratos, enganos, exploração, conflito racial – etno-racial e todas essas características da colonização dos países do Sul pelos do Norte.

A imagem de “ bom imigrante”, “ portas abertas à imigração”, a noção que no Brasil não exista racismo, atuam como argumentos na tentativa de estruturar um imaginário social político de acordos entre estado-nação China e Brasil. Atrás da linguagem poética, porém de pouca análise crítica científica do autor, o “outro”, ou seja, o imigrante chinês, os *coolies*, descrito como integrante da formação do Estado Nação brasileiro – da escravidão à imigração - demonstra as características da colonização ocidental de dominação.

#### **1. 4. Segundo fluxo migratório chinês no Brasil**

Os *coolies* chineses que chegaram no Brasil durante a primeira onda migratória, no século XIX, devido à condição insatisfatória do trabalho laboral e aos conflitos com os fazendeiros, resolveram fugir das fazendas onde trabalhavam e se tornaram vendedores de rua e donos de restaurantes. Os negócios fundados pelos chineses se inseriram pouco a pouco nas cidades do país, fornecendo e criando a base de redes de apoio para os imigrantes seguidos.

No artigo sobre a história da migração chinesa no Rio de Janeiro, SHU (2010) salienta o fator do parentesco no processo imigratório dos chineses. Segundo o autor, diversas redes de apoio e contato foram estabelecidos nos países de destino pelos imigrantes que chegavam. Com ajuda disso, os recém-chegados conseguiram manter a vivência no exterior. Assim, observa-se que os imigrantes chineses da província de Zhengjiang costumam atuar na área de comércio exterior e importação, enquanto os de Cantão têm tradição de abrir restaurantes.

O artigo publicado na revista *Overseas Chinese Affair Study* em 2008, organizado pelo Gabinete para os Assuntos dos Chineses do Ultramar do Conselho do

Estado, trata a questão da relação da imprensa chinesa e a comunidade chinesa no Brasil. Segundo o autor,

...a migração chinesa no Brasil em grande escala começou na metade do século XX, havendo três períodos: a primeira ocorreu entre o final dos anos 50 até os anos 60, com a liberação do continente da China, muitos empresários de Xangai, da província Jiangsu, Zhejiang, entre outras regiões chinesas, imigraram para o Brasil. Durante a mesma época, devido aos movimentos xenofóbicos nos países do sudeste da Ásia, como na Indonésia, muitos chineses habitantes nesses países também se mudaram para o Brasil depois de vários deslocamentos. O segundo aconteceu durante os anos 60 e 70, após o assento permanente das Nações Unidas de Taiwan ser retirado, muitos taiwaneses se preocupavam profundamente com o futuro da região e migraram para o Brasil. Por fim, o último período foi nos anos 80 e 90, quando a China continental abriu os mercados e muitos novos imigrantes decidiram se estabelecer no Brasil para oportunidades de negócios (BIE, 2008, tradução nossa)<sup>16</sup>.

A partir disso, percebe-se que o ano de 1949 marcou o começo do segundo grande fluxo imigratório chinês no Brasil. Depois de tomada do poder pelo Partido Comunista, muitos chineses empresários da área industrial saíram do país e imigraram para São Paulo para fugir do regime político recém-estabelecido. A maioria desses imigrantes trabalhavam na administração das fábricas do país nessa época (MINNAERT, p130).

Como em outros destinos imigratórios do mundo, os imigrantes chineses chegados no Brasil começaram a se juntar em bairros determinados das cidades. A partir dos anos 70, em São Paulo, grande número de imigrantes chineses se concentrou no bairro da Liberdade e na Rua 25 de Março, onde tinham pequenos comércios que vendiam os produtos importados da China e os restaurantes de comida típica chinesa são facilmente encontrados nessas duas zonas da cidade paulistana (*ibidem*).

No Rio de Janeiro, onde se encontra a segunda maior concentração de imigrantes chineses no Brasil, a região central do Saara (Sociedade de Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega) foi ocupada por esse tipo de imigração a partir dos

---

<sup>16</sup> [texto original] 较大规模的移民始自二十世纪中叶，出现过三次高潮：一是五十年代末至六十年代，大陆解放，上海、江浙一带的工商企业家及其他各省同胞较多移居巴西，其间又由于东南亚如印尼等国排华，侨居当地的华人亦辗转迁往巴西；二是六十、七十年代，台湾同胞深感前途未定，尤其是1972年中华人民共和国恢复在联合国的合法席位、台湾当局被逐出联合国后，台胞移民巴西达到高潮；三是八十、九十年代，中国内地改革开放，大陆新移民纷纷南下巴西定居创业，一时蔚为大观。

anos 60. A presença dos chineses modificou o enquadramento econômico e cultural daquela área, sendo que os libaneses, sírios e judeus eram os habitantes e comerciantes originais do Saara (*ibidem*).

Vale destacar uma característica da composição de imigrantes chineses no Brasil que os diferencia dos que foram para outros países da América do Sul: a grande presença significativa de taiwaneses no país. SHU (2010, p. 53) observa que os taiwaneses e os demais imigrantes chineses oriundos do continente convivem pacificamente e harmoniosamente no Brasil, por compartilharem tradições e laços culturais. O Brasil e Taiwan, de fato, têm uma forte e solidária relação diplomática na história. Em 1912, Brasil foi o primeiro país que reconheceu a República da China após sua fundação.

No entanto, em 1971, Taiwan perdeu seu assento no ONU, e as relações diplomáticas entre a República Popular da China e o Brasil foram estabelecidas em 1974. Com isso, percebe-se que ocorreu uma modificação em relação à divergência política dos chineses no Brasil. Tal fato pode ser percebido na mudança do discurso da mídia étnica chinesa a partir deste período. Essas mudanças serão analisadas nos próximos capítulos, ao analisarmos os conhecimentos sobre o conteúdo dos jornais.

Hoje em dia, Taiwan e o Brasil mantêm relações diplomáticas não-oficiais através de escritórios econômicos e culturais. O site do Escritório Econômico e Cultural de Taipei no Brasil<sup>17</sup> mostra que o número de diáspora taiwanesa no Brasil acumula 75 mil pessoas.

---

<sup>17</sup> Disponível em <<http://www.taiwanembassy.org/br/post/2672.html>>. Acesso em 10, Maio, 2017.

## CAPÍTULO 2

### A MÍDIA CHINESA NO BRASIL: UM OLHAR PANORÂMICO

Nesse capítulo, pretende-se fazer uma análise histórica do objeto dessa pesquisa: os jornais chineses no Brasil. Tal produto midiático surgiu no território brasileiro a partir dos anos 60, inicialmente em São Paulo, e sua história concretizou o lugar da mídia em língua chinesa no espaço comunicacional das terras tupiniquins. Assim, serão apresentados os três jornais publicados no território brasileiro: o Jornal Chinês “Americana”, Diário Chinês para a América do Sul e o Jornal Taiwanês *Semanal*, que deixou de ser publicado no final de 2012. Além disso, também serão estudados a situação atual dos jornais e os desafios que esses meios de comunicação enfrentam perante à popularização do uso da mídia eletrônica.

A metodologia desta pesquisa é inspirada no trabalho do sociólogo estadunidense Robert Ezra Park (1922), um dos fundadores da Escola de Chicago, cuja obra *The Immigrant press and its control* é uma referência para o estudo da mídia étnica. O autor analisa o discurso dos jornais étnicos existentes na época, e utiliza a metodologia da etnográfica para observar a vida cotidiana das comunidades de imigrantes. Esse estudo analisou dez jornais criados por diferentes grupos de imigrantes em Nova Iorque (EUA), considerando, assim, a língua materna como base natural da associação e da organização humana.

Para o autor, a existência desse gênero de imprensa é “quase invariável”. Na cidade de Nova Iorque, todos os grupos migratórios possuem publicações de jornais ou periódicos próprios, que representam os desejos e as imaginações deles. Deste modo, Park (1922, p.13) concluiu que “as imprensas se tornaram órgãos de discurso e todos os grupos possuem essa organização própria”.

Cabe destacar, então, a importância do estudo dessa imprensa, já que os meios de comunicação são importantes para pensar a vida social dos usuários de tais instrumentos. Nesse contexto, no caso dos imigrantes chineses no Brasil, foram escolhidos os principais jornais em circulação como instrumento de avaliação analítica e reflexiva sobre a experiência socioeconômica compartilhada pelos sino-

brasileiros nos últimos anos. Assim, Dineen (1904) ressalta a importância da língua materna para os povos:

A língua nacional é a literatura e o folclore do pobre, é sua história e tradição, reflete o que ele conhece de seu próprio país e do mundo exterior, é seu conhecimento musical, é o repertório de suas orações, é a fonte de suas máximas e sabedorias; nela ele ouve palavras de consolação e encorajamento de seus amigos; e nela o sacerdote de sua religião acalma sua alma em sua passagem para a eternidade (DINEEN, 1904, P12, tradução nossa)<sup>18</sup>.

No caso da língua chinesa, ela também carrega esse peso sentimental e o sentimento de pertencimento. Os exemplares impressos na língua nativa do Extremo Oriente representam a literatura, o folclore, a história e a tradição dos imigrantes chineses. O ato de ler em sua própria língua no destino migratório faz com que os sino-brasileiros se conectem emocionalmente entre si e se comuniquem livremente.

## **2.1. Do discurso intelectual à “chinesidade”: teorias sobre comunicação e midiaticização transnacional no cenário das migrações contemporâneas**

Antes de iniciarmos as narrativas históricas dos três jornais já citados, é preciso compreender a importância de sua existência, sua continuação, os seus leitores e, principalmente, o papel destas mídias para a comunidade chinesa - o que move, de onde vem sua “força” e “vontade”.

Desta forma, serão apresentadas duas teorias para entender tais aspectos: a questão da “chinesidade” no contexto migratório e a importância do discurso intelectual dos imigrantes para pensar a cultura do país, de Tu Wei-ming (1991); e a ideia da imaginação transnacional construída pela mídia migratória chinesa, de Sun Wanning (2012).

Em sua teoria, Tu (1991)<sup>19</sup> analisa a vida intelectual da diáspora e a questão da identidade chinesa desde o nascimento de sua civilização – sendo a China, no mundo ocidental, considerada como uma das civilizações mais antigas e ainda existente na

---

<sup>18</sup> (texto original) The national language is the poor man’s literature and folklore, it is his history and tradition, it reflects what he knows of his own country and of the outer world, it is his fund of music and song, it is the repertory of his prayers, it is the source of his wise maxims; in it he hears words of consolation and encouragement from his friends; and in it the minister of his religion soothes his soul in its passage to eternity (DINEEN, 1904, P12)

<sup>19</sup> Tu Wei-ming (Fev 26,1940 -), académico chinês. Atual professor do departamento da História e Filosofia da China da Universidade de Harvard, tem se dedicado às pesquisas sobre o Confucionismo no século XXI, o diálogo intercultural, etc.

história humana. Sob as perspectivas teóricas do autor, são abordados o fenômeno do surgimento dos meios de comunicação criados pelos imigrantes chineses nos destinos migratórios e a contribuição da diáspora chinesa para o enriquecimento da reflexão sobre a cultura chinesa nos tempos modernos.

Em seu artigo intitulado *Cultural China: The Periphery as the Center*<sup>20</sup>, o autor inicia por uma imagem do procedimento da construção da “chinesidade”, ou seja, trata de um modo de abordar uma espécie de consciência de “ser chinês” ao longo da história, que já passou por diversas mudanças e colisões culturais.

Assim, Tu (1991) exemplifica uma ideia de reciprocidade e união entre os chineses sobre um viés mitológico de ancestralidade. Entre contos folclóricos e a história chinesa, existe um mito tradicional que se destaca sobre um imperador específico – considerado o pai da civilização chinesa – o Imperador Amarelo<sup>21</sup>. Em sua época ele era considerado um mestre em agricultura e possuía domínio sobre as plantas, a estrutura da medicina chinesa, o que contribuiu para a construção da civilização chinesa no sentido de educar e oferecer bases para subsistência do povo chinês. Até os dias de hoje, há a crença da descendência de todos os chineses por essa entidade imperial, especialmente para descrever a identidade da diáspora chinesa:

O símbolo de filhos do Imperador Amarelo é constantemente reencontrado na literatura chinesa e evoca sentimentos do orgulho étnico chinês (TU, 1991, p. 3).

Além da “chinesidade”, para pensar sobre a questão identitária dos imigrantes chineses espalhados no mundo e o discurso cultural sobre a China por eles, Tu (1991, p. 12) também introduziu o termo “*China cultural*”. O termo abrange três universos simbólicos cujas interações são contínuas entre si: 1) *as sociedades povoadas predominantes pela cultura e etnia chinesa*, como Hong Kong, Macau e Singapura; 2) *as comunidades compostas por diáspora chinesa espalhada no mundo*, como o caso dos *Chinatowns* nos EUA; e 3) *os indivíduos que têm objetivo de entender a China no*

---

<sup>20</sup> Cultural China: The Periphery as the Center Tu Wei-ming Daedalus Vol. 120, No. 2, The Living Tree: The Changing Meaning of Being Chinese Today (Spring, 1991), pp. 1-32

<sup>21</sup> Em chinês, “Huang Di”. Existe mito sobre o Imperador Yan que foi o outro ancestre da civilização chinesa, assim, o termo “Yan Huang Zi Sun” - “Descendentes de Imperadores Yan Huang” também é usado para definir o povo chinês.

*sentido intelectual* e também querem trazer as percepções da China deles para a sua própria comunidade linguística, como jornalistas e autores.

Em relação ao segundo universo, o autor ressalta que a emergência da “consciência comum” sobre o tema “*China cultural*” entre os chineses imigrantes no mundo, acelerou o processo da construção da identidade cultural chinesa. De acordo com o autor (TU, 1991, p.18), “a diáspora chinesa assume um papel efetivo na construção criativa de uma visão nova da ‘*chinesidade*’, que está em sintonia com a história chinesa e em ressonância com a cultura chinesa”.

A partir disso, percebe-se que o fenômeno da migração trans-fronteiriça dos chineses abre um espaço mais abrangente para pensar e discutir sobre a “*chinesidade*”, e o ato do deslocamento humano chinês evidentemente traz dinâmica para o pensamento da cultura do próprio país.

Assim, Tu (1991) defende que as periferias - concentradas nas comunidades da diáspora chinesa espalhadas no mundo - têm tomado cada vez mais poder no lugar do discurso e se tornaram cada vez mais centrais no sentido étnico e cultural, tendendo a modificar o padrão do pensamento tradicional do país:

... o potencial transformador da periferia é tão grande que parece inevitável que este molde significativamente o discurso intelectual sobre a China cultural nos próximos anos (...)mas, inegavelmente, a interação frutífera entre uma variedade de aspectos econômicos, políticos, sociais, e as forças culturais no trabalho ao longo da periferia ativarão a dinâmica da China cultural (TU, 1991, P.28, tradução nossa)<sup>22</sup>

Se a diáspora chinesa contribui para o surgimento da consciência comum da “*chinesidade*” e transforma o discurso da cultura da China, qual seria, então, a função dos meios de comunicação surgidos dentro desse cenário migratório? No caso dos jornais em chinês no exterior, nascidos dentro da comunidade chinesa, pode-se pensar que tais produtos midiáticos carregam a mesma missão: a de criar um espaço intelectual construído por símbolos discursivos para aprofundar a interação dos pensamentos identitários, étnicos e culturais dos imigrantes.

---

<sup>22</sup> (texto original) ...the transformative potential of the periphery is so great that it seems inevitable that it will significantly shape the intellectual discourse on cultural China for years to come...but undeniably, the fruitful interaction among a variety of economic, political, social, and cultural forces at work along the periphery will active the dynamics of cultural China (TU, 1991, P.28)

A seguir, aborda-se o conceito da imaginação transnacional para aprofundar o entendimento da relevância do surgimento do jornal migratório. De que forma os jornais chineses são vistos como veículos midiáticos para imaginar sua antiga nação – China? Em seu artigo *Media and the Chinese diaspora: Community, consumption, and transnational imagination*, Sun Wanning (2012, p. 3)<sup>23</sup> inicia a sua resenha contando sobre sua experiência migratória pessoal na Austrália. Em sua análise, os diversos jornais publicados em chinês em Perth pareciam “humildes” e simples, porém, ofereciam informações úteis e atualizadas que facilitavam o seu cotidiano. Por exemplo, era possível facilmente ter acesso ao horário de funcionamento dos consulados chineses, informações sobre passagens de avião com promoção para a China, o endereço de uma loja que vendia souvenirs locais com preço justo, dentre outros.

Devido às opções variadas dos produtos midiáticos criados por imigrantes chineses na cidade australiana onde ela habitava, a autora não se preocupou com a perda e o afastamento do seu laço e conexão com a cultura chinesa. Ao contrário, a sua consciência de fazer parte desse povo chinês, ou seja, sua “*chinesidade*”, encontrava-se em uma exitosa fase de contínua construção e constante atualização.

A partir dessa reflexão, SUN (2012) argumenta sobre as três instituições essenciais para manter a identidade cultural do grupo migratório chinês no exterior: *i) as associações migratórias; ii) as instituições do ensino da língua chinesa; iii) os produtos midiáticos que possuem circulação regular*. A autora observa que as três instituições mantêm viva uma dinâmica de cooperação consistente.

Entre as três instituições referidas, a autora ressalta a função dos meios de comunicação criados pelo grupo migratório. Segundo a autora, através da criação de um espaço comunicacional e dialógico entre os leitores chineses, os jornais migratórios possibilitam a construção de uma imaginação transnacional para esses imigrantes:

A mídia chinesa não reflete ou representa simplesmente uma imaginação específica dos chineses ultramarinos, mas faz parte dela. A partir desse ponto de vista, vou provar que a produção, a apresentação e o consumo dos meios de comunicação constroem a imaginação dos chineses no exterior.

---

<sup>23</sup> Sun Wanning, atual professora de Estudos da Mídia e Comunicação da Universidade de Tecnologia de Sydney, publicou livro *Leaving China: Media, Migration, and Transnational Imagination*(2002) e *Maid in China: Media, Morality and the Cultural Politics of Boundaries*(2009)

Em seguinte, vou provar que a imaginação da diáspora chinesa global é inerentemente transnacional(SUN, 2012, P4).<sup>24</sup>

Além disso, a dimensão espacial do jornal chinês transnacional é outra característica destacada pela autora. Através da leitura dos jornais em chinês no destino migratório, um pertencimento identitário no sentido da geografia territorial é recordado e lembrado pelos leitores. Os jornais escritos em chinês expressam e representam as imaginações geográficas – no caso, de uma nação distante. Ao mesmo tempo, ter os jornais em sua língua materna em mãos e ter acesso às notícias sobre os acontecimentos da China é uma maneira de se aproximar de modo diário e corriqueiro com o seu país.

SUN (2012, p.5) ressalta, ainda, que essa imaginação transnacional chinesa é um dos elementos relevantes para a construção da “*chinesidade*”- a consciência de se identificar como chinês. Em relação à questão de “*huaren*”<sup>25</sup>, termo adaptado para designar os imigrantes chineses e seus descendentes de nacionalidades variadas, a autora também faz um interessante esboço.

Assim, a autora defende que a imaginação transnacional nascida dos jornais é política e social. Por essa razão, surgiram os jornais que contêm perspectiva crítica sobre o governo central da China. Alguns jornais propõem a identidade chinesa cultural e étnica – “*huaren*”. Mais adiante, esse ponto pode ser utilizado para pensar sobre as posturas políticas diferentes dos três jornais chineses no Brasil, especialmente o caso do Jornal Taiwanês Semanal – uma contracorrente que apoia a separação de Taiwan da China.

Além das importantes reflexões de Sun em relação ao imaginário social e os jornais migratórios, é inevitável associar os conceitos referidos com a teoria do

---

<sup>24</sup>[texto original]中文媒体并不是简单反映或代表某个特定的海外华人想象，而是其组成部分。从这个观点出发，我将证明媒介生产，呈现和消费组成了海外华人想象的构成。在第二部分，我将进一步论证全国海外华人这个想象在本质上是跨国的。

<sup>25</sup> “Huaren” indica a diáspora chinesa, os chineses no exterior. Diferente ao termo “zhongguoren”, tradução direta da palavra “chinês”, que é pensado geralmente numa dimensão geográfica e indica o povo chinês dentro do território do Estado-Nação chinês, “huaren” foge essa forma limitada de pensar a “chinesidade”. Os “huarens” compartilham fatores étnicos e culturais chineses no seu comportamento presentes nos hábitos cotidianos, como por exemplo: o costume de alimentação dentro do lar, resistência da aprendizagem da linguagem chinesa, prática da religião, mito da imaginação da ancestralidade e celebração das datas festivas, etc.(TU, 1991)

capitalismo editorial. Na clássica obra *Comunidades Imaginadas*, que discute a questão do nascimento do nacionalismo, ANDERSON (2006) destaca que a nação é imaginada inicialmente e, principalmente, através da leitura em língua materna em um país. No início do século XVIII, a popularização e industrialização da impressão de romances e os jornais - capitalismo editorial - ofereceram os recursos técnicos para realizar a imaginação da nação e do nacionalismo.

Assim, os jornais chineses impressos e publicados pelas comunidades migratórias intensificaram a imaginação da “*chinesidade*”. A mídia étnica chinesa transformou, então, a identidade cultural chinesa em algo verdadeiro, mesmo que fabricado - para imaginar e sentir. Desde então, uma memória coletiva imaginada dos imigrantes chineses tornou-se uma subsistência com corpo e peso.

## 2.2 História e gênese dos jornais chineses no Brasil

Não pergunte donde eu vim/ Minha terra natal fica num lugar remoto/  
Porquê vagueia? Vagueia para tão longe?/É para os pássaros voadores no  
céu/ Para angras correntes entre as montanhas/ Para pradarias vastas sem  
fim no horizonte/Ainda, ainda mais, é para a oliveira que tanto sonhei/  
Assim, vaguear para longe, tão longe (SAN MAO, 1978)

O poema da escritora taiwanesa San Mao pode ser considerado parte do imaginário dos migrantes, dos viajantes, corajosos chineses. Assim, a oliveira simboliza o espaço territorial no sul da Espanha, local onde a autora morava com o seu amado marido e guardava suas memórias de afeição e paixão, revelados em seus escritos. O desejo intenso dela para o país receptor, a Espanha, representa um sentimento de pertencimento identitário na experiência migratória, demonstrado em sua obra preservada e popularmente reconhecida no continente asiático.

Através das palavras de San Mao, uma mulher escritora conhecida como errante e aventureira, e também musa inspiradora para leitores asiáticos e não-asiáticos de várias gerações, é feito um convite para uma viagem ao deserto da Saara, ao mergulho no mar mediterrâneo das Ilhas Canárias, para apreciar a paisagem exótica das oliveiras infinitas uma ao lado da outra.

Assim, emerge um sentir, o desejo de chegar, ir e viajar para um lugar remoto e exótico e ao mesmo tempo a busca pela familiaridade, algo de si. Tanto a literatura

como os produtos midiáticos são construídos por discurso que nasce de uma experiência sociocultural e carrega um peso imaginário. Foi assim que foram criados os primeiros jornais chineses no Brasil, relatados nos subcapítulos a seguir.

### **2.2.1 *Diário Chinês para a América do Sul***

Uma imigrante chinesa entrevistada para este trabalho, Wang Yili, veio ao Brasil com 16 anos de idade com a sua família. Wang concluiu a graduação em Administração da UERJ, hoje é professora de mandarim na Escola OiChina e intérprete bilíngue. No filme de comédia nacional “*Made in China*” que estreou em 2014, narrando a história da guerra comercial entre os árabes e os chineses no Saara, Wang fez o papel de uma jovem imigrante chinesa recém-chegada ao Rio de Janeiro e sonhando se integrar culturalmente na sociedade carioca.

Em relação ao seu hábito do consumo da mídia impressa, Wang conta que seus pais subscreveram o Diário chinês da América do Sul por cerca de três anos. Conforme as palavras de Wang sobre o motivo de assinatura do jornal:

Mesmo morando no exterior, queríamos experimentar esse sentimento de pegar e tocar os jornais escritos em chinês nas mãos todos os dias, tal como o velho tempo lá na China . É algo nostálgico, talvez seja melhor chamá-lo de saudades(WANG, 2017).

Da forma semelhante, a imprensa chinesa também surgiu no Brasil a partir dessa necessidade de resgatar a memória, reconstruir a imaginação das origens e da nostalgia dos sino-brasileiros. O jornal pioneiro no processo da midiatização da imigração chinesa no Brasil, o atual “Diário Chinês para a América do Sul”, nasceu mais de meio século atrás, em São Paulo. Ao longo dos anos da convivência com a comunidade chinesa no Brasil, o jornal passou por modificações de nome, leitor-alvo (antes leitores taiwaneses e agora os chineses do continente; e dos sino-brasileiros para os chineses imigrantes da América do Sul), orientação política, apoio institucional, fonte financeira, etc. O processo complexo de desenvolvimento desse jornal acompanha o segundo fluxo migratório chinês no Brasil – após a era do partido comunista chinês. Através do estudo do processo referido, percebemos a resistência

da comunidade sino-brasileira nos primeiros anos da chegada no destino migratório e também o poder do discurso jornalístico sob o controle de grupo de interesses políticos distintos.

Quanto ao último ponto, Foucault (1981, p48) analisa o discurso como instrumento de poder, no qual o controle invisível está na ação do indivíduo, de seus corpos – comportamento (como a sua mente se manifesta nas ações corporais), a escrita está relacionada a essa dimensão do comportamento, das tendências, do estilo de vida, dos gostos, valores e é também uma espécie de gancho para caracterizar tais esferas. Assim, a escrita vem carregada também de ideologias, postura política, cultural, pertencimento, preferência e subjetivamente e objetivamente defender um lado. Ou seja, ela nunca é imparcial.

Percebe-se, então, que a língua é como instrumento de poder – controle – onde os grupos se relacionam, produzem e reproduzem sentidos e, assim, surgem novas formas de vidas sociais. Esse controle do discurso midiático também foi descoberto dentro da narrativa histórica do Jornal Diário Chinês para a América do Sul. Assim, este trabalho apresentará uma breve história do jornal construída através de entrevistas realizadas por correio eletrônico com o atual jornalista da equipe de editorial, Liu Yiqian, que veio de Xangai para o Brasil nos anos 90.

Segundo LIU, em 1960, no dia 29 de março, foi batizado de “Jornal Chinês do Brasil” pelo fundador Wang Ze-I, imigrante de origem de Taiwan. A sua publicação era semanal na época, com sede na Rua Barão de Iguapé, 123, Liberdade. Conforme o contexto sócio-histórico da segunda onda migratória chinesa no Brasil, a presença de taiwaneses na sociedade brasileira era significativa nos anos 60, ultrapassando o número de imigrantes que veio da China continental.

Devido ao número crescente de chineses no destino migratório brasileiro, a comunicação tornou-se fundamental para esse processo de imigração ter força. Assim, a mídia impressa teve papel importante para a aproximação da informação entre os grupos imigrantes. Por isso, o surgimento de publicações em chinês tornou-se necessário para atender a esse determinado público emergente no Brasil, que necessitava deste instrumento para seus momentos ociosos de reflexão cotidiana.

Logo, brotaram os primeiros jornais semanais mimeografados em palavras quadradas do oriente – ideograma chinês. (LIU, 2017)

De acordo com STENBERG (2015), o conteúdo do jornal semanal referido abrangia notícias locais, eventos na comunidade chinesa, ensaios, ficção, etc. Além disso, o autor nota que o jornal possuía característica de irregularidade, houve frequência de falta de edições. Devido à falta de jornalistas profissionais na equipe da redação nos primeiros anos, os jornais enviados de Taiwan eram as principais fontes de notícias. Os jornais chineses já estabelecidos na América do Norte serviam como referência do jornal migratório, sendo citados e consultados na época.

Segundo SHYU(2017), Wang Zi-I, fundador do jornal, era membro do Partido Nacionalista (Kuomintang) e fotojornalista experiente em Taiwan. Ao longo dos anos da Segunda Guerra Sino-Japonesa<sup>26</sup>, viajava com os exércitos taiwaneses como correspondente noticiário. Essa experiência fortaleceu sua capacidade profissional como jornalista, e ampliou seu contato com as figuras políticas, celebridades e intelectuais da época, dentre eles, o renomeado artista plástico chinês Chang Dai-Chien.

Conhecido como Picasso do Oriente, o pintor chinês instalou-se em Mogi das Cruzes no estado de São Paulo de 1953 até 1970, onde construiu a sua casa e estúdio – o Jardim das Oito Virtudes. Assim, de acordo com SHYU (2017) “a vinda de Wang Zi-I ao Brasil foi muito provavelmente com o objetivo de realizar entrevistas e acompanhar a vida do artista chinês no exterior e o seu desejo de criar um jornal chinês também nasceu nessa época”. O título do periódico “Jornal Chinês do Brasil”, impresso na primeira página da publicação, possui a caligrafia de Chang Dai-Chien.

Em relação à postura política do jornal, SHYU(2017) afirma sua característica neutra – não era um jornal que obedecia à ideologia de um determinado partido. Considerando à questão financeira e aos lucros gerados pela publicação, a intenção de Wang era fundar um jornal acessível para todos os imigrantes chineses, seja de origem taiwanesa, seja do continente.

---

<sup>26</sup> A Segunda Guerra Sino-Japonesa foi travada de 1937 a 1945 entre a China e o Japão, antes e durante a Segunda Guerra Mundial.

Em 1985, Wang Ze-I imigrou para os Estados Unidos e transferiu a licença do jornal para Li Hai'an, chinês de ultramar que veio da Indonésia. Sob a nova direção, o jornal foi renomeado de “Diário Jornal Chinês do Brasil”. Antes semanal, o jornal aumentou o número de edições, passando a ter tiragem diária a partir de outubro de 1985. Tal fator pode ser explicado devido ao crescimento da chegada de imigrantes chineses no Brasil nos anos 80, já que a barreira linguística induzia a necessidade dos chineses recém-chegados em ter acesso às notícias do destino migratório e, ao mesmo tempo, dos acontecimentos recentes da pátria chinesa, agora longínqua.

Em julho de 1989, o jornal parou a impressão devido à escassez de apoio financeiro. Como o jornal não era vinculado com nenhuma instituição governamental na época, as contribuições pessoais de imigrantes chineses eram a única fonte de financiamento para sua operação. Além da falta de capital, STENBERG (2015) aponta que a competição com outros jornais chineses na época e os equipamentos desatualizados também causaram a parada da sua publicação.

Contudo, o ano 1992 marcou o reestabelecimento do “Diário Jornal Chinês do Brasil”, com a localização nova: Rua de Virgílio de Carvalho Pinto, 619, Pinheiros. Frente à concorrência que veio dos jornais chineses existentes na época, a editoração do jornal passou a adotar tecnologia eletrônica. O uso de computador expandiu a influência e a fama do jornal entre a comunidade chinesa no Brasil nos anos 90 (LIU, 2017).

Segundo LIU (2017), houve uma necessidade de uma (re)criação do jornal a fim de enfatizar uma disputa de espaço midiático, em busca da defesa dos grupos de origem. Neste caso, os chineses do continente da China e de Taiwan:

Nos anos 90, já existia “o Jornal Chinês Americana” no Brasil, vinculado às associações da diáspora taiwanesa. Entretanto, esse jornal publicava as vezes artigos com conteúdos mal interpretados sobre o continente da China. Por isso, os imigrantes chineses patriotas de São Paulo juntaram dinheiro e reabriram o “Diário Jornal Chinês do Brasil (LIU, 2017).

Assim, LIU (2017) já aponta a dimensão política do discurso de poder presente na formação da mídia comunicacional recém estabelecida no Brasil. Nota-se, então, os primeiros mecanismos de defesa inerentes à própria formação do sistema de comunicação desses imigrantes.

Na última década do novo milênio, esse jornal passou por outras grandes transformações. As mudanças contaram com a aproximação do jornal com o Estado chinês, sobretudo através do apoio da embaixada chinesa no Brasil e também dos setores domésticos chineses, como o departamento para os Assuntos Chineses no Exterior. Apareceram, então, as primeiras instituições da China no plano formal vinculadas às mídias chinesas no Brasil (LIU, 2017).

Além disso, outra mudança significativa foi no aspecto dos leitores-alvo do jornal, a cobertura jornalística se estendeu para toda a América do Sul. Assim, em 1999, no dia 1 de outubro, dia nacional da China, o jornal ganhou o nome Diário Chinês para a América do Sul. No mesmo ano, Li Jianquan, jornalista do Jornal Huasheng Bao (Jornal Voz dos Chineses Ultramares) de Pequim, foi recomendado pelo governo central da China e assumiu o cargo do diretor do jornal. Ele chefiou o jornal até 2011, seu ano de falecimento (LIU, 2017).

### **2.2.2 O jornal Chinês “Americana”**

Devido à falta de artigos acadêmicos relacionados ao jornal Chinês “Americana”, foram consultadas as publicações jornalísticas de Taiwan que registraram entrevistas com o fundador e ex-diretor do jornal nos primeiros anos do seu desenvolvimento.

O jornal foi criado em 4 de outubro de 1983 por Yuan Fang, jornalista experiente de Taiwan, cujo nome ainda hoje pode ser encontrado na página inicial do jornal (acredita-se que seja uma forma de homenagem ao fundador dessa publicação). Assim, com sede na Praça Gen. Polidoro, 111, Aclimação, São Paulo, o jornal nasceu dentro da comunidade chinesa no Brasil. Como diz seu slogan, o jornal “promover a cultura chinesa, presta serviço a comunidade chinesa e conecta os leitores com os chineses do Brasil e do mundo inteiro”.

Segundo STENBERG (2015), o jornal foi desenvolvido num período em que os taiwaneses ocupavam uma porção substancial da população chinesa em São Paulo. Entre mais de 80 mil imigrantes chineses, a maioria eram recém-chegados de Taiwan depois dos anos 50. Conforme Yuan afirma:

Os jornais chineses publicados em São Paulo no início dos anos 80, copiavam e colavam notícias antigas de Taiwan e Hong Kong. Muitas notícias eram atrasadas (...) Os imigrantes chineses da época não falavam português e seu conhecimento sobre o Brasil também era limitado. **Era necessário ter acesso às notícias de jornais locais, traduzidos de português para chinês, sobre a situação política e econômica do Brasil, para que eles conseguissem se inserir na sociedade brasileira o mais rápido possível.** Além disso, a família desses imigrantes permaneceu lá em Taiwan, por isso, eles sentiam muita falta da terra natal e desejavam saber sobre as notícias do outro lado do mundo (YUAN, 1991).

Diferente do tom ortodoxo do Diário Chinês para América do Sul, o jornal Chinês “Americana” busca manter sua independência financeira e seu afastamento das instituições oficiais da China. A principal fonte de apoio financeiro do jornal é a comunidade taiwanesa no Brasil. Nota-se, então, que o jornal valoriza a liberdade e independência do discurso e da expressão e, por isso, não teve tendência de aproximação com as autoridades do governo chinês (STENBURG, 2015).

Nos primeiros anos, o jornal publicava duas edições por semana. A partir de 1985, aumentou mais uma edição. Em 1993, o jornal tornou-se diário e este regime vigora até hoje. Nos anos 80, devido à falta de jornalistas na equipe de editorial, a maioria das notícias sobre Taiwan eram reproduções de outras mídias dominantes da ilha de Formosa. Já as notícias sobre o continente da China eram fornecidas pela agência “China News Service”. Ainda assim, o jornal traduzia as notícias locais importantes para o chinês.

### ***2.2.3 O Jornal Taiwanês Semanal***

Este jornal esteve no território brasileiro por apenas 12 anos. Assim, iniciou a circulação em 2000, tendo sede da redação na rua Tomás Gonzaga, n. 55, no bairro da Liberdade, em São Paulo. O jornal Semanal era imprimido às quartas e distribuído gratuitamente nas lojas, restaurantes e empresas chinesas da cidade. Segundo STENBERG (2015), essa publicação pode ser considerada como contraventora no mundo midiático sino-brasileiro devido à sua postura política, sendo contra a unificação do continente da China com Taiwan.

O jornal teve como diretor de redação Tsuang Shen Hu, produtor de cogumelos por profissão, que chegou no Brasil desde 1970. Numa entrevista com a

revista Piauí<sup>27</sup>, em 2007, o Tsuang não renunciou sua origem étnica chinesa, mas negou sua nacionalidade. De acordo com a teoria apresentada de TU (1991) no capítulo interior, percebe-se que o diretor desse jornal reconhece seu laço étnico e cultural chinês, ou seja, se define como “*huaren*” .

Em 2012, o jornal foi fechado. Não se sabem os detalhes do encerramento das atividades do jornal. Porém, deve-se considera-lo como um outro exemplo da tensão ideológica dos discursos entre os jornais chineses no Brasil e o seu “ganho” de popularidade no uso por sua comunidade nos últimos anos. Por isso, ressalta-se o fato de o jornal ser financiado por um grupo taiwanês como marco histórico relevante para pensar sua gestão sem valor de compra, já que seus exemplares eram distribuídos gratuitamente. Outro fator importante é o crescimento das associações chinesas patriotas em São Paulo, que resultaram na formação de uma espécie de pressão ao jornal devido às ideias separatistas<sup>28</sup> presentes no conteúdo midiático.

Portanto, jornal taiwanês Semanal representa um marco na existência dos jornais chineses no Brasil, sendo uma referência importante ao avaliarmos as diferentes amostras de discursos e posturas políticas, já que criticava e, principalmente, fazia oposição ao discurso oficial do governo chinês - que consolidava seu viés alternativo.

### **2.3 Um novo panorama: a atual imprensa chinesa no Brasil**

Atualmente, os dois jornais existentes no Brasil – o Diário Chinês para a América do Sul e o jornal Chinês “Americana” - mantém um status de coexistência pacífica. Tal postura pode ser evidenciada pelo artigo de Yan (2013)<sup>29</sup>, jornalista chinês que distribuía os jornais nas ruas de São Paulo. Yan (2013) afirma que:

---

<sup>27</sup> Disponível em <<http://piaui.folha.uol.com.br/materia/dazibao/>>, acesso 10 março 2017.

<sup>28</sup> O marco do movimento separatista são os anos de 1945 e 1950, quando, respectivamente, a China retoma o poder da ilha de Formosa – então ocupada pelos japoneses –, e os nacionalistas perdem a guerra civil chinesa para os comunistas. O líder Chiang Kai-shek, então, refugia-se na ilha, estabelecendo a sede administrativa do regime nacionalista. Assim – correspondendo a um processo mais amplo de polaridade geopolítica que dividiu o mundo entre comunistas e capitalistas após a segunda guerra mundial –, a China separou ideologicamente seu território de forma dual, entre continente e ilha, tal como a Alemanha, entre leste e oeste, e a Coreia, entre norte e sul, entre outros exemplos (PINHEIRO-MACHADO, 2010, p449)

<sup>29</sup> Disponível em <<http://www.25jie.com.br/thread-428-1-1.html>>, acesso 10 março 2017.

Comecei a vender os dois jornais ao mesmo tempo. Os dois não possuem posturas políticas completamente iguais, cada um tem seu ponto de vista e seu leitor-alvo, cada um tem sua vantagem e sua maneira de sustentar a sua circulação, porém, não existem conflitos entre eles (YAN, 2013, tradução nossa).

Além disso, Yan (2013) registra um pouco da memória dos longos anos vendendo jornais pelas ruas da capital paulistana e o contato interpessoal com os leitores. Assim, afirma que:

Os leitores dos jornais são bem variados e a maioria deles compram o jornal para leitura própria. (...) Algumas pessoas compram os jornais para as mulheres como presentes, para agradecer por elas cuidarem de suas crianças e limparem a casa. Muitos dos leitores compram os jornais para os pais idosos, pois vieram para o Brasil para acompanhar os filhos sem capacidade de falar e ler em português, assim, os jornais em chinês são o único lazer e maneira de passar tempo. Até existem pessoas que compram o jornal e enviam para a família do outro estado. Às vezes, eles compram para os filhos que publicaram artigos pequenos no jornal, os jornais são lembranças para os imigrantes da segunda geração (YAN, 2013, tradução nossa).

Através de sua escrita, podemos nos deparar com um leque de leitores dos dois jornais na cidade de São Paulo. Portanto, busca-se entender a relação entre esse tipo de meio de comunicação comunitária – no caso, pertencente à comunidade chinesa - e os leitores-alvos, que possuem características de uma possível dependência aos jornais.

Deve-se considerar, portanto, a mídia chinesa no Brasil como mecanismo de compartilhamento constante de informações, como uma forma de agradecimento à família e também um simples lazer no território do acolhimento. Portanto, é um lugar onde guarda-se a memória - afetiva - dos comuns.

Atualmente, o Diário Chinês para América do Sul é considerado o maior jornal chinês no Brasil, também é o jornal em língua estrangeira com a maior circulação em São Paulo (STENBURG, 2015). Com circulação diária de 15 mil exemplares nas cidades principais do Brasil, como Rio de Janeiro, Curitiba, Foz de Iguaçu, Recife, Campinas, Brasília e Fortaleza, o jornal também tem redes de publicações semanais na Argentina, Chile e Venezuela.

Segundo LIU (2017), com o crescimento de imigrantes da China continental para Brasil no século XXI, o jornal entrou na época de ouro do seu desenvolvimento e

se tornou um alimento de lazer indispensável para esses imigrantes. Com o aumento do uso das mídias digitais, o jornal lançou o site oficial<sup>30</sup> em 2005.

No site do jornal referido, além da versão digitalizada do jornal publicado diariamente, encontram-se tele-reportagens e rádios produzidas pela equipe de editorial, pode-se interpretar tal medida como uma maneira de preencher o espaço da falta de um canal de televisão chinês no território brasileiro. O jornal também ocupa as redes sociais, usando da plataforma Weibo<sup>31</sup>. Atualmente, a página conta com mais de 22 mil seguidores e já postou mais de 10 mil notícias sobre o Brasil e a comunidade chinesa.

De acordo com LIU (2017), o papel do jornal é ajudar os imigrantes chineses a conhecerem melhor a China, o mundo e o Brasil. A missão dele seria promover a cultura da China no continente sul-americano. A equipe da redação hoje é composta por mais de 20 jornalistas profissionais.

Já o Jornal Chinês “Americana” vem enfrentando alguns problemas com a diminuição de leitores nos últimos anos. Em 2013, a tiragem estava entre 5 mil e 6 mil exemplares diários. O atual diretor Lee Sang Tien relaciona o fato da perda de leitores com três aspetos: o envelhecimento da comunidade taiwanesa no Brasil, o retorno de alguns taiwaneses para a terra natal e o declínio da capacidade de linguagem de taiwaneses da nova geração (SÁ, 2013).

A sua distribuição, além do Brasil, também abrange o Paraguai (Ciudad del Este), Los Angeles dos EUA e Hong Kong. A redação localiza-se na Praça Carlos Gomes, n. 126, em São Paulo, e conta com apenas dois jornalistas, ambos são imigrantes taiwaneses da primeira geração. O jornal diário conta com 8 páginas de quarta-feira até sexta-feira, a edição de terça-feira e do sábado possuem 12 páginas.

Lee Sang Tien descreve o jornal como “uma empresa cultural sem fins lucrativos para a promoção da cultura chinesa e um serviço aos chineses residentes no exterior” (STENBERG, 2015).

---

24. Disponível em <[www.nmqb.com.cn](http://www.nmqb.com.cn)>, acesso 10 de abril 2017.

<sup>31</sup> Sina Weibo é um serviço de microblog similar ao Twitter e Facebook, criado na China, onde possui mais de 300 milhões de usuários cadastrados e ativos. Weibo é um dos sites de redes sociais mais populares da China.

Nos capítulos a seguir, serão abordados os desdobramentos da questão da identidade e a vida sociocultural dos imigrantes chineses do Rio de Janeiro.

### **CAPÍTULO 3**

## **IDENTIDADE E VIDA SOCIOCULTURAL DOS CHINESES NO RIO DE JANEIRO**

Após analisarmos a história da imigração chinesa no Brasil e a gênese dos jornais étnicos chineses, neste capítulo serão apresentados os primeiros resultados da pesquisa de campo realizados em dois eventos comemorativos, organizados pelas associações chinesas na cidade do Rio de Janeiro, nos períodos do ano novo chinês, em 2016 e 2017. Tal pesquisa teve como finalidade a observância da vida associativa e da convivência entre os chineses provenientes de diversos lugares da China em um ambiente comum. Sua importância, então, advém do fato de as atividades chinesas em associação serem o marco inicial dos assuntos do Jornal Chinês “Americana” e do Diário Chinês para a América do Sul (a serem vistos no capítulo 4).

Serão abordadas as perspectivas pessoais dos imigrantes chineses, inclusive o ponto de vista da autora como pesquisadora e imigrante chinesa. Desta forma, coloca-se a autora como observadora e parte integrante da vida sociocultural sino-carioca. A partir das perspectivas teóricas de Stuart Hall e Wang Guangwu sobre o conceito de identidade, serão analisadas as informações selecionadas pelos discursos, conversas, observações dos ambientes festivos da presente pesquisa etnográfica, visando compreender como seria a construção da identidade do sino-carioca nos cenários atuais.

### **3.1 A questão recorrente da Identidade: de Stuart Hall a Wang Guangwu**

Cabe aqui destacar o conceito de “identidade” do historiador chinês Wang Guangwu e do sociólogo jamaicano Stuart Hall. Os estudos dos sociólogos abordam o hibridismo, a sociedade multicultural, a relação entre os imigrantes e a sua tradição. A partir dessa inspiração busca-se identificar as semelhanças teóricas com as ideias de Wang Guangwu, erudito chinês e também dar destaque para área de estudo dos movimentos migratórios chineses. Como há de ser visto, contudo, ambos consideram a identidade migratória na era da modernidade fluida, pluralista, complexa e fragmentada.

Para Hall (2003, p.52), precursor da área dos Estudos Culturais, o termo multicultural descreve algumas características culturais que se encontram em todas as sociedades compostas por comunidades étnicas diversificadas, neste caso, os grupos migratórios inseridos nos países de destino. Esses conjuntos de pessoas almejam manter uma vida de convivência entre grupos e, ao mesmo tempo, valorizam e preservam as suas culturas e tradições de origem.

O autor destaca que a formação da identidade dos imigrantes no país de recepção é muitas vezes mutável. A postura dos imigrantes perante a tradição dos seus ancestrais, depende das suas experiências pessoais, do modo de dialogar com “o outro”, e das interações cotidianas no destino migratório. Em vez de ser um simples resultado de apropriação cultural, a identidade passa pela revisão da própria tradição e a negociação com os demais integrantes da sociedade (HALL, 2003, p.74).

A partir dessa ideia de uma identidade cada vez mais mista e plural, HALL (2003, p.66) sublinha o conceito de hibridismo para definir o processo de tradução cultural e o momento de transição e transformação social nas comunidades diaspóricas do mundo pós-colonial. A seguir, destaca-se um trecho do autor:

As comunidades migrantes trazem as marcas da diáspora, da "hibridização" e da *différance* em sua própria constituição. Sua integração vertical a suas tradições de origem coexiste como vínculos laterais estabelecidos com outras "comunidades" de interesse, prática e aspiração, reais ou simbólicos. (Hall, 2003, p. 83)

Dentro do cenário da globalização e em vista do fenômeno contemporâneo da migração, o sociólogo propõe que a identidade tem sido cada vez mais fragmentada e fraturada, ela é construída através de discursos, práticas e posições sociais diferentes, até muitas vezes antagônicas. A mudança constante é uma das características dela. Assim, efetivamente, não existe uma identidade só, existem várias identidades, seja dentro da comunidade étnica, ou simplesmente dentro da autoconsciência do indivíduo (HALL, 1996, p.4).

De modo semelhante, os argumentos sobre a questão multicultural e o pluralismo da identidade cultural encontram-se nas obras de Wang Guangwu. Os estudos dele tratam da perspectiva histórica e sociocultural da migração chinesa no mundo. Um dos pensamentos destacados pelo autor é a complexidade da identidade

chinesa. Assim, ele opõe-se à ideia de unicidade e invariabilidade da identidade chinesa (LI, 2009, p.27 cita WANG, 1994).

Segundo o autor, a identidade cultural chinesa baseia-se nos valores do sistema filosófico confucionista – a tradição da etnia chinesa desde os tempos remotos. Entretanto, no atual cenário de um mundo multicultural, ela é modificada de acordo com a experiência pessoal dos imigrantes e “reimigrantes” chineses e a integração desses grupos às sociedades receptivas. Assim, um chinês no ultramar pode manter sua identidade cultural chinesa, e ao mesmo tempo, criar outras identidades orgânicas e novas no seu país do destino, conforme o seguinte trecho do autor:

Assim, permanecer culturalmente chinês não exigiu abrir mão dos valores tradicionais. Pelo contrário, a nova identidade chinesa foi construída sobre a crescente confiança de que as comunidades poderiam conseguir se modernizar fora da China. Cada vez mais isso significou que eles estavam prontos para testar suas novas identidades étnicas na vida cívica e política. O multiculturalismo proporcionou vias socialmente aceitáveis para mostrar lealdade às suas novas casas. Os indivíduos também conseguiram procurar seu próprio lugar pessoal em suas casas adotadas. Muitos encontraram seu próprio amálgama cultural ou nicho onde poderiam afirmar sua nova identidade (WANG, 2000, p.97).<sup>32</sup>

Atualmente, os chineses no exterior têm cada vez mais capacidade e tendência a absorver a cultura do país onde eles se deslocam, e tornam-se cidadãos mais modernos no sentido de quebrar o padrão e o estereótipo do perfil dos imigrantes anteriores. Exemplos de ações que permitem tal evolução são: entrada na classe média e elitista da sociedade, participação ativa no mundo político, integração na vida sociocultural local, etc. De acordo com WANG (2000, p.98), essas mudanças dos chineses no ultramar, eventualmente podem alterar o modo como o povo chinês em geral se identifica como parte da etnia chinesa.

Aqui, destacam-se as falas de Ju Bao, professora de mandarim no Rio de Janeiro, com quem realizei entrevistas na ocasião do VIII Fórum de Migrações em 2016. Ju era engenheira de computação na China e escolheu dar aula de mandarim

---

<sup>32</sup> (texto original) Thus remaining culturally Chinese did not require hanging on to traditional values. On the contrary, the new Chinese identity was built on the growing confidence that communities could succeed in modernizing themselves outside China. Increasingly, this meant that they were ready to test their new ethnic identities in civic and political life. Multiculturalism provided acceptable avenues to show loyalty to their new homes. Individuals were also able to search for their own personal place in their adopted homes. Many found their own cultural amalgam or niche where they could assert their new identity(WANG, 2000, p.97).

depois de se mudar ao Rio de Janeiro com o marido brasileiro em 2001. A seguir, apresenta-se uma parte da entrevista com Ju, comentando sobre sua identidade sino-carioca:

Quando me chamaram para participar no Fórum para contar minha experiência como imigrante, fiquei pensando: Como assim, imigrar? Eu imigrei? Pois eu me adaptei tão bem aqui, que nem tinha pensado nessa questão. Acho que é o poder da dominação da língua portuguesa, que é essencial. Eu me sinto raramente como estrangeira aqui. Eu, em primeiro lugar, não me vejo como estrangeira. Mas muitos imigrantes chineses não são assim. Se você chegar num país e já se achar que é alguém estranha, de fora, você vai manter esse estado para sempre. Na verdade, o Brasil é um país extremamente amigável e receptivo para os estrangeiros, nunca estive num lugar assim. Nunca fui discriminada por ser chinesa nenhuma vez aqui. Mas claro, tudo isso tem a ver com a questão da classe social, minha rotina da vida, as pessoas com quem eu tenho contato, minha moradia na Zona Sul, etc. (JU, 2016)

A experiência de Ju no Rio de Janeiro demonstra o pluralismo da identidade dos chineses no ultramar. Como salienta ela, a identidade é uma escolha, uma condição social, uma postura cultural optada pelo próprio imigrante no cenário atual. A estranheza e a discriminação cultural podem ser vistas como um estado recíproco entre os imigrantes e os locais, elas vão e voltam, como se fosse um jogo de ping-pong. O diálogo intercultural neste caso pode desarmar a intolerância, e ajuda a fortalecer a comunicação entre os dois lados – os chegados e os estabelecidos.

Por fim, vale lembrar a crítica do Wang(1993, p.58) sobre a adaptação da terminologia “diáspora” e “huaqiao” na análise da migração chinesa. Por exemplo: “Huaqiao” literalmente significa chineses *soujourners* (visitantes estrangeiros), e carrega o sentimento de não ter completado uma missão e uma vontade de retornar ao país do nascimento. A fim de manter a imagem patriótica e a lealdade política dos imigrantes chineses, no século XX, o termo tinha sido usado oficialmente pelo governo chinês para se referir a todos os imigrantes chineses no exterior.

Assim, percebe-se que o uso de tal palavra contendo em sua própria forma subjetividades que produzem sentido da “intenção política” como um tipo de “nacionalismo moderno” devido a sua conexão emocional. O autor recusa claramente o uso de “diáspora” para descrever a migração chinesa por duas razões: as diferenças de trajeto e história da migração chinesa em relação à diáspora ocidental e a preocupação de gerar os mesmos efeitos que a utilização da ideia de “huaqiao”. Essa

última preocupação pode evidentemente alterar o ponto de vista sobre a natureza das comunidades chinesas no ultramar que é variável e diversa (WANG, 2000, p.39).

### **3.2 Convivência atual dos grupos migratórios chineses no Rio de Janeiro e a identidade sino-carioca**

Como diz o provérbio chinês, onde há água do mar, há chineses<sup>33</sup>. Na terra de encontro entre a Baía de Guanabara e o Oceano Atlântico, onde o vento marítimo traz a chuva que alimenta a Floresta da Tijuca, também há presença de chineses. Assim, as portas da orla do Rio de Janeiro se abriram à entrada desse povo a partir do século XIX, a história da imigração chinesa tem mais de 200 anos.

Segundo Shangguan Jianfeng, secretário-geral da Associação Cultural Chinesa do Rio de Janeiro (ACCRJ), atualmente, cerca de 20 mil chineses provenientes de Zhejiang, Cantão, Fujian, Taiwan, etc. habitam o Rio de Janeiro. As atividades deles estão voltadas principalmente para o comércio, a importação e a exportação, a restauração, o varejo, entre outras. Os bairros cariocas com maior população chinesa são Campo Grande, Nova Iguaçu, Tijuca, Flamengo, Botafogo e Barra da Tijuca (SHANGGUAN, 2017).

Um grande número de chineses no Rio de Janeiro reúne-se através dos eventos organizados pelas diversas associações. De acordo com a classificação das associações chinesas no Brasil do SHYU e JYE (2008, p.222), as associações formadas no contexto social carioca pertencem aos seguintes grupos: associações comerciais, culturais e regionais. Um fator político também destaca-se na pesquisa dos autores referidos, pois os imigrantes chineses vieram de realidades políticas diferentes e organizam-se em grupos próprios. São exemplos disso o caso da Casa de Macau e Centro Social Chinês do Rio de Janeiro (fundado pelos taiwaneses). Assim, consideram-se as duas associações referidas como politicamente afastadas ao governo central da China.

A seguir, podemos observar as associações chinesas no Rio de Janeiro na tabela 1:

---

<sup>33</sup> 俗语：有海水的地方，就有中国人。

<b>ASSOCIAÇÕES CHINESAS E INSTITUIÇÕES RELIGIOSAS NO RIO DE JANEIRO</b>		
<b>Nome em Mandarim</b>	<b>Nome em português</b>	<b>Contato</b>
里约中国和平统一促进会	Associação Pró-Reunificação Pacífica da China no Rio de Janeiro	(55) 21 2541-3405
巴西中国和平统一促进会	Associação Brasileiro Pró-Reunificação Pacífica da China	
里约华人联谊会	Associação Cultural Chinesa do Rio de Janeiro	R. Gonçalves Crespo, 450 - Praça da Bandeira, Rio de Janeiro (21) 3972-0370
巴西华人文化交流协会	Associação de Intercâmbio Cultural dos Chineses	R. José Higinio, 416 - Tijuca, Rio de Janeiro – RJ (21) 96439-7621
巴中商贸仲裁总会	Câmara Geral de Comércio e Arbitragem Brasil-China	PRES WILSON 165, SL 1210 A 1214, Centro, Rio de Janeiro 021-22084736 / 24318118
巴西中国浙江商会	Câmara de Comércio Zhejiang Brasil-China	R Republica Do Libano, 61, Sala 607, Centro, Rio De Janeiro (21) 2516-3424
里约广东同乡会	Associação Geral dos Cantoneses no Rio de Janeiro	
里约江门五邑青年联合会	Federação da Juventude de Jiangmen Wuyi no Rio de Janeiro	
里约中华会馆	Centro Social Chinês do Rio de Janeiro	Av Gomes Freire, 753 – Centro +21 2222-1012
巴中工商总会	A Câmara de Comércio e Indústria Brasil-China (CCIBC)	Rua Senador Dantas, 71, 12º andar Rio de Janeiro – Brasil (55 21) 2532-5877
里约热内卢澳门之家	Casa de Macau do Rio de Janeiro	R. Gonzaga Bastos, 325 - Tijuca, Rio de Janeiro - RJ (21) 2288-7225
里约国际佛光会	Templo Budista Fo Guang Shan – Rio de Janeiro	Rua Itabaiana 235, Grajaú, Rio de Janeiro

里约灵粮堂	Igreja Cristã Pão da Vida do Rio de Janeiro	R. Bom Pastor, 100 - Tijuca, Rio de Janeiro (21)2587-2650
里約中國天主教本堂	Missão Católica Chinesa	Rua São Francisco Xavier, 75, Tijuca (021) 2234-2095
里约华人福音基督教会	Igreja Evangélica Chinesa RJ	R. Teodoro da Silva, 254 - Vila Isabel, Rio de Janeiro - RJ
	Igreja Cristã Chinesa do Rio de Janeiro	Rua Cdes Belmonte, 237, Engenho Novo, Rio de Janeiro (21)22013228
里约华传基督教会	Igreja Missão Evangélica de Chinês do R. J.	Rua Ministre Edgar da Costa No10,Sala301-304,Centro,Nova Iguaçu , RJ

As associações supracitadas são, portanto, os maiores exemplos da vida sociocultural chinesa no Rio de Janeiro. Podemos, assim, relacioná-las aos aspetos teóricos da questão identitária expostos com o argumento de Shu Changsheng, sobre a característica da pluralidade da comunidade chinesa no Brasil. Na ocasião do Segundo Encontro de Pesquisa “ Migração chinesa no Brasil: mobilidade e identidades” na Universidade de São Paulo, em 2017, Shu afirma,

Não existe a diáspora chinesa em singular, na verdade existem várias diásporas chinesas no ultramar, devido à questão das línguas/dialetos chineses no país. Fragmentações e diversidades são fatos dentro das comunidades chinesas nos destinos migratórios. No entanto, os diferentes grupos compartilham diversos traços culturais, como as datas festivas e a linguagem escrita (SHU, 2017).

Para entender melhor a vida sociocultural da comunidade chinesa no Rio de Janeiro, sua integração no destino migratório e a forma como os grupos provenientes de regiões diferentes dialogam, realizei trabalhos de campo em eventos da comunidade chinesa: as festas da celebração do Ano Novo Chinês em 2016 e 2017.

As observações do ambiente e entrevistas feitas com os imigrantes chineses participantes dos eventos na Casa de Macau do Rio de Janeiro e Associação Cultural Chinesa foram os principais métodos de pesquisa.

No tradicional bairro carioca dos chineses, Tijuca, encontra-se a Casa de Macau no Rio de Janeiro (CMRJ). A comunidade macaense é um símbolo da diversidade regional e cultural dos chineses no ultramar, devido à razão histórica e étnica da formação desse povo. O termo macaense, em chinês 土生葡人, significa “portugueses nascidos na terra”. A origem mesmo da designação de macaense pressupõe um profundo intercâmbio cultural entre antepassados chineses e portugueses. O macaense é, portanto, aquele que cultiva hábitos lusitanos e orientais (PINA-CABRAL; LOURENCO, 1993).

No livro “Em Terra de Tufões: Dinâmicas da Etnicidade Macaense”, os autores João Pina de Cabral e Nelson Lourenço destacam três características que ajudam na definição do macaense.

Um destes vectores é a língua e refere qualquer tipo de associação de um indivíduo ou da sua família com a língua portuguesa. Outro vector é a religião e inclui qualquer forma de identificação individual ou familiar com o Catolicismo. Finalmente, o terceiro vector é a raça, isto é, quando uma pessoa, ou alguém da sua família, resulta da miscigenação entre sangue europeu e asiático (PINA-CABRAL; LOURENÇO, 1993, p22).

Segundo o artigo, cada um dos vetores referidos pode construir a base da identidade macaense, embora não seja necessário uma pessoa possuir os três vetores ao mesmo tempo para ser chamado de macaense (PINA-CABRAL; LOURENCO, 1993). Segundos os responsáveis da CMRJ, os eventos organizados pela Casa consistem em jantares com comidas típicas macaenses, atividades de lazer como o “mahjong”<sup>34</sup>, jogos de perguntas e respostas sobre a cultura de Macau com premiação. A construção de uma memória social e o fortalecimento da familiaridade da tradição macaense no Rio de Janeiro são os papéis principais da Casa.

---

<sup>34</sup> É um jogo de mesa tradicional de origem chinesa, jogado entre quatro jogadores, as regras do jogo variam em regiões diferentes da China.

**Figura 2** Macaenses jogando mahjong, a macaense mais nova fantasiada de macaco, por o ano 2016 ser ano do macaco de acordo com o calendário lunar chinês.



Fonte: Foto do autora

Fui convidada para o almoço do Ano Novo Chinês da Casa com os sócios, onde foram servidos pratos típicos macaenses na grande mesa do salão da Casa, como por exemplo o prato Minchi, consistindo de carne moída, batata frita cortada e ovo cozido, macarrão com molho de amendoim ou ainda carne de porco ao molho agridoce.

Impressionou-me o quanto a casa parecia ser bem cuidada. O primeiro andar tem um espaço para eventos e almoços, no segundo lugar tem secretaria e biblioteca, onde pode-se encontrar livros e revistas em chinês e documentos sobre a história da instituição. Ao entrar na Casa, parece que estamos numa típica comunidade de Macau, devido ao fato de haver aspectos de “familiaridade” com a cultura macaense entre os sócios da Casa.

Através das conversas com os sócios que participaram da festa, observei que a Casa não está apenas de portas abertas para os macaenses, mas também recolhe alguns imigrantes que vieram das regiões vizinhas como Hong Kong e Taiwan. O

português é a língua que mais se ouve na festa, no entanto, mandarim e cantonês<sup>35</sup> também são falados entre os sócios, especialmente os com mais idades.

Destaco a fala de Leona Louredes Collaço Carion, nascida em Macau e chegou como imigrante ao Brasil em 1963, dia 5 de abril, com apenas 10 anos de idade na época.

Quando cheguei no Brasil com a família, a gente não falava muito sobre Macau em casa, entretanto, depois de surgir a Casa de Macau, eu e meus irmãos começamos a pegar muita história da nossa terra ao longo da participação das atividades organizadas pela Casa. Especialmente as pessoas mais idosas que frequentam aqui (CMRJ), mostram para a gente como foi Macau antiga. No meu caso, saí de Macau quando tinha 10 anos, por isso, muita coisa a gente esquece quando era pequena (CARION, 2016).

Assim, o convívio entre diferentes gerações de imigrantes oriundos de Macau perpetua a conservação da identidade macaense. Como ainda afirma Leona,

Para a gente, é fundamental não esquecer a nossa raiz, a gente aprende e relembra as coisas de Macau através de conversas com os macaenses mais idosos. Além disso, a CMRJ é boa para nós conhecermos a cultura do Brasil também. Aqui não somente reúne os macaenses, também tenta trazer os locais cariocas para Casa, mostrar o valor e tradição de Macau para os brasileiros que se interessam pela nossa cultura (CARION, 2016).

Após 52 anos na cidade carioca, Leona, afirma que se sente muito carioca hoje em dia. Entretanto, no trabalho de campo, observei que ao falar de Macau fazia gestos apontando para o coração dizendo: *“aqui dentro sempre guardo aquela parte macaense, me (sic) considero em primeiro lugar como sino-portuguesa, e hoje em dia a minha identidade brasileira segue enriquecendo”*, afirma.

De semelhante modo, a Silvana Paes d' Assumpção Linares, nascida no Rio de Janeiro, imigrante macaense de segunda geração, define que sua identidade em primeiro lugar é macaense, depois carioca. Ex-dona do restaurante de culinária macaense Fat Choi, no bairro do Catete da Zona Sul do Rio de Janeiro, Silvana é uma mulher empresária bem-sucedida e integrada na sociedade brasileira. Silvana herdou do pai uma antiga técnica massagista inspirada na medicina chinesa e hoje em dia ela trabalha como fisioterapeuta,

---

<sup>35</sup> O português e o cantonês são línguas oficiais da região de Macau, no entanto, o português é apenas dominado por cerca de 2,4% da população.

Minha infância cheirava a comida de Macau, era cheiro de cha siu, porco bafassá, wanton mee, etc. Mesmo que não tenha sido criada em Macau, nenhuma vez me perdi quando eu voltei lá já adulta. Pois, o mapa e as ruas dessa cidadezinha já tinham sido desenhados mil vezes na minha cabeça de tanto escutar as histórias contadas pelos macaenses mais idosos da Casa” (LINARES, 2016).

Esse processo da herança da identidade cultural macaense, é como a passagem da tocha entre os macaenses com mais idade e os mais jovens. A tocha, metáfora da cultura e identidade da comunidade sino-portuguesa, é compartilhada e repassada orgulhosamente nas mãos dos “filhos da terra” - portadores da tradição de Macau.

Em 27 de janeiro de 2017, pela primeira vez após a chegada dos primeiros imigrantes chineses em 1804, a Lapa iluminou-se da cor vermelha para homenagear a data festiva do ano novo chinês, também conhecida como Festival da Primavera. Devido à diferença do horário, o Brasil foi um dos últimos locais do planeta que recebeu esse dia, mas o ambiente das festas em terras cariocas não perdeu para nenhum canto do mundo. As festas foram organizadas pelo Consulado da China no Rio de Janeiro e pela ACCRJ.

Vale ressaltar que, a associação organizadora referida, fundada em 1984 e contando com três mil sócios hoje em dia, junta com a Associação de Intercâmbio Cultural dos Chineses, a Associação Pró-Reunificação Pacífica da China no Rio de Janeiro, a Câmara de Comércio Zhejiang Brasil-China e a Associação Brasileira Pró-Reunificação Pacífica da China, são conhecidas como as cinco maiores associações chinesas patrióticas da capital carioca. A postura política está destacada evidentemente no nome – a pró-reunificação da China e a relação próxima com o governo de Pequim.

De baixo dos Arcos da Lapa, o dono de uma das barracas de comida típica chinesa, originário de Taiwan, riu ao ouvir os brasileiros perguntarem o que estava cozinhando na sua panela a vapor. Na barraca atrás, um grupo de menores chineses estavam aprendendo as técnicas da caligrafia tradicional do país. O ritmo de samba e o “espírito malandro” não eram mais os que dominavam a noite da cidade. A China, uma palavra tão conhecida, ao mesmo tempo tão distante para os brasileiros, era o foco da atenção desse dia especial.

Os festejos dos sino-cariocas seguiram até o 29 de Janeiro de 2017, a ACCRJ organizou o Festival de Primavera na rua Gonçalves Cespo 450, no bairro da Tijuca do Rio de Janeiro. O evento lotou com a presença de mais de 300 imigrantes e descendentes chineses. O festival durou 6 horas, e contou com um buffet de pratos chineses, performances preparadas por imigrantes e descendentes chineses e no final, os tão esperados sorteios.

Por dentro dos muros vermelhos da Associação, encontrou-se um outro mundo. Em oposição aos habituais domingos silenciosos nas ruas tijucanas, ouviu-se uma sinfonia de tons alegres do oriente: barulho de fogos artificiais, choro de crianças um após o outro no colo dos pais, conversas em voz alta em vários dialetos chineses, o som das cadeiras etc.

**Figura 3** Fachada da Associação Cultural Chinesa no Rio de Janeiro, 2017.



Disponível em: [http://www.br-cn.com/news/qs\\_news/20170130/79522.html](http://www.br-cn.com/news/qs_news/20170130/79522.html)

O espaço se transformara para o evento, estava com decoração típica do Ano Novo Chinês – lâmpadas vermelhas de papel penduradas no teto, *paper-cuts* com os caracteres chineses que simbolizam felicidade e prosperidade e *duilians*<sup>36</sup> com poesias

---

<sup>36</sup> Par de linhas poéticas caligrafadas sobre uma banda de tecido ou de papel, geralmente exposta nas portas de entrada das casas. O Duilian ideal é composto de poucas palavras e carrega um sentido profundo.

de rimas em chinês colados nas portas. O lugar cheirava a temperos orientais; uma mistura de aroma de arroz, com o coentro e o cebolinho refogado no molho de shoyo.

No entanto, o cenário pareceu ligeiramente estranho ao meu conhecimento, pois a maioria dos chineses que estavam presentes no evento eram de Cantão, Zhejiang e Fujian, regiões do sul e sudeste da China e são os maiores frequentadores dos eventos festivos da Associação. O dialeto, ou prefiro chamar de língua própria deles, era completamente impossível de entender para mim.

O papel do evento foi resumido no discurso dos representantes dos institutos organizadores. O presidente da Associação Qiu Haiqin ressaltou que,

A comunidade chinesa no Rio de Janeiro tem salvaguardado a cultura tradicional da etnia chinesa ao longo do tempo...O festival do Ano Novo Chinês organizado pela Associação não apenas junta os imigrantes chineses para se reunirem e se desejarem Feliz Ano Novo, o mais importante é a amostra da alma e da característica da etnia chinesa(atraves do festival) (QIU, 2017).

Além disso, o cônsul-geral no Rio de Janeiro, Li Yang, elogiou a contribuição e o esforço da Associação em relação à herança da tradição chinesa e a divulgação da cultura chinesa no território brasileiro. Assim, através do trabalho de campo, percebe-se a dinâmica das associações na construção da identidade sino-carioca. Os meios de comunicação em chinês criados no território brasileiro também podem ser vistos como um espelho que reflete a vida associativa dos seus leitores. Como o ato de ler os jornais, de acessar nos sites comunitários, de compartilhar as notícias da comunidade chinesa nas redes sociais, etc. Assim, os chineses mantêm-se conectados um com outro nesse mundo midiático construído por discursos sócias simbólicos. A análise voltada aos jornais impressos e as novas dimensões comunicacionais será estudada no capítulo a seguir.

## **CAPÍTULO 4**

### **PAPEL DA MÍDIA CHINESA NA VIDA SOCIOCULTURAL SINO-CARIOCA**

Neste último capítulo pretende-se aproximar o campo da mídia chinesa com o seu público-alvo, destacando o papel dos jornais na construção da identidade sino-carioca. A metodologia utilizada é a pesquisa qualitativa sobre análise do discurso, tendo como principal objetivo a interpretação dos jornais chineses no Brasil. Essa proposta reflete sobre o processo da construção ideológica dos jornais no que se refere as mudanças e as influências políticas, as escolhas da linguagem imagética e escrita. Por exemplo, a maneira como são apresentadas as manchetes e as ênfases dadas pelos jornalistas, etc.

Desta forma, como recurso metodológico de interpretação dos jornais, destaca-se Roland Barthes sobre a teoria semiológica, a ser explicada no subcapítulo 4.1. O autor aborda sobre “olhar a mídia como um mito discursivo” e propõe a desestruturação da significação dos produtos midiáticos. Para florescer o debate da semiologia ocidental, apresenta-se a teoria de Li Siqu, cujo pensamento é da mesma linha sob uma perspectiva da filosofia oriental. Por isso, sublinham-se essas contribuições por serem pertinentes para respaldar os presentes argumentos sobre o efeito da comunicação comunitária dos jornais e o resultado da recepção pelas audiências chinesas no Rio de Janeiro.

Por fim, apresenta-se o processo de transição da mídia tradicional, ou seja, dos jornais impressos para as mídias digitais e eletrônicas, tendo como exemplo o jornal “Diário Chinês para a América do Sul”, disponível em versão digitalizada ([www.br-cn.com](http://www.br-cn.com)). Assim, será possível refletir sobre o uso atual da multiplicidade de espaços comunicacionais para pensar seu papel sociocultural para a comunidade chinesa no Rio de Janeiro, como sites, redes sociais, entre outros.

#### **4.1 Quadros teóricos da Semiologia ocidental e oriental**

Os estudos midiáticos cruzam-se frequentemente com as disciplinas diversificadas das ciências humanas e sociais. Propõe-se analisar o discurso, ou seja, a ideologia da mídia impressa chinesa para pensar a sua influência na formação da

consciência individual e coletiva dessa comunidade. Para isso, destaca-se a teoria da Semiologia - a ciência geral dos signos, sobre os estudos dos jogos de *mise-en-scène* (ou encenação) da informação (CHARAUDEAU, 2006, p.16).

A proposição da utilização da teoria semiológica para a análise da comunicação em massa a partir da segunda metade do século XX é, sem dúvida, uma das grandes contribuições de Roland Barthes. Segundo a sua obra “Mitologias”, situada no contexto da sociedade burguesa pós-industrial, o mito é uma fala, uma mensagem e um sistema de comunicação. É também um modo de significação, uma forma. Assim, os produtos midiáticos, como os jornais, compostos por mensagens escritas e por representações, podem ser vistos como suportes de uma fala mítica (BARTHES, 1980, p.132).

É o que se passa com a mitologia: faz parte simultaneamente da semiologia, como ciência formal, e da ideologia, como ciência histórica: ela estuda idéias-em-forma” (BARTHES, 1980, p.134).

A relação entre palavra e a imagem é a parte central dos estudos semiólogos. Através dos dois sistemas pode-se visualizar como os significantes funcionam autonomamente, por cada um possui seu mundo sócio-discursivo. No entanto, existe uma espécie de interdependência entre eles, devido a construção da significação a partir da conjunção dos dois tipos de linguagens (CHARAUDEAU, 2006, p.223).

A partir disso, para analisar os produtos midiáticos escritos na língua chinesa construídos dentro da comunidade sino-brasileira e, sobretudo, o seu processo de estruturação de estratégias midiáticas e os resultados da recepção, é necessário consultar as críticas teóricas desenvolvidas no contexto sócio-histórico do Extremo Oriente.

Identifica-se, portanto, o trabalho de Li Siquan sobre a teoria semiológica inspirada pela sabedoria oriental. O autor argumenta que o estudo dos signos e do efeito de recepção/produção da comunicação já existiam na filosofia chinesa desde os tempos remotos. No período pré-Qin<sup>37</sup>, já era desenvolvido o sistema de debate

---

<sup>37</sup> O período de pré-Qin (2100 B.C.-221 B.C.) refere-se ao longo período antes da unificação da China pelo imperador Qinshihuang.

“Yanyizhibian”<sup>38</sup>- explica-se: a argumentação da relação entre linguagem e significado. O sistema referido logo depois contribuiu para a formação da teoria “Lixiangjinyi”<sup>39</sup> – a função da significação da imagem, na obra clássica chinesa I Ching<sup>40</sup>, que é um bom exemplo para a consulta ocidental sobre a função da linguagem não verbal no processo da significação. Esse último pensamento formou profundamente a cultura chinesa (LI, 2013, p.27).

A característica essencial da estética do ideograma chinês encontra-se no seu processo ideográfico – a imagem sempre vem antes do som. A romancista diaspórica chinesa Yan Geling(2014, p224) argumenta que o chinês foi desenvolvido a partir da imagem visual, como as pinturas rupestres. Isso determina que cada palavra chinesa, cada caráter possui rica mensagem visual.

De semelhante forma, o acadêmico chinês dos estudos estética do chinês Luo Dong Qing aponta que chinês em si é uma língua multimidiática e contribui para a construção da imaginação de modo de pensar dos chineses.

O ideograma chinês de certa forma pode ser vista como código e mapa oculto da cultura chinesa. Com esse código, podemos explorar o mundo sensível misturada de imagem e som além do seu significante. Sob a forma de combinação de sensibilidade de razão, voltamos ao lugar original da cultura chinesa(LUO, 2014, p148).

O argumento do autor chinês referido faz lembrar a analogia comparativa de BARTHES( p.148) entre um ideograma e o mito, destacando a inspiração do modo de significação dos ideogramas nos seus estudos míticos, conforme a citação a baixo:

O mito é um sistema ideográfico puro onde as formas são ainda motivadas pelo conceito que representam. Sem no entanto cobrirem a totalidade representativa desse conceito. E assim como, historicamente, o ideograma abandonou progressivamente o conceito para se associar ao som, tornando-se assim cada vez mais imotivado, assim a usura de um mito se reconhece pelo arbitrário da sua significação(BARTHES, p148).

---

<sup>38</sup> Em chinês 言意之辨

<sup>39</sup> Em chinês 立象尽意

<sup>40</sup> I Ching literalmente significa Livro das Mutações, surgiu antes da Dinastia Chou(1150-249 a.C.), estuda símbolos e diagramas no universo, para o fim de explicar o fenômeno das mudanças do cosmo. O I Ching é considerado a obra com a sistematização de simbolismos maduros mais antigos do mundo, para o autor pode ser chamado de Semiologia chinesa.

Deste modo, ao analisar o discurso dos produtos midiáticos chineses, o semiólogo chinês opõe-se à utilização do princípio saussureano da linearidade do significante que faz parte do estruturalismo linguístico ocidental. O autor salienta a peculiaridade do processo ideográfico de caracteres chineses, que é a combinação de imagem, som e significado em simultaneidade. Ou seja, quando um leitor interpreta uma palavra escrita em chinês, o que passa pela mente dele é uma conjunção desses três fatores referidos ao mesmo tempo. A seguir, o autor descreve a comunicação eficiente de seguinte forma (LI, 2003, p.57):

De acordo com a sabedoria oriental, a informação da comunicação não atinge aos seus receptores igual a uma faixa linear do tiro, ele funciona como se fosse um vento passando no chão e acariciando a pradaria. O efeito dela não é para abater o público-alvo, mas é parecido como o que o vento causa na grama: o vento passa, ela deita; o vento para, ela fica de pé de novo, ou seja, é um processo repetitivo. Além disso, o modo de afetar o resultado de recepção da informação também não é linear e obrigatório, ele é invisível e edificante (LI, 2003, p.55, tradução nossa)<sup>41</sup>.

A metáfora do autor na citação referida acima sobre a efeito natural que o vento causa à grama reflete o processo da comunicação eficaz no contexto da forma da organização do modo de pensar dos chineses. Sobretudo, esse processo contém com um impacto sutil, lento, repetitivo, as vezes invisível aos seus receptores. Assim, o autor argumenta que existe uma estruturação semiológica composta por quatro elementos de significação: Discurso, Imagem, Significado e Tao (o modelo DIMT, sigla em inglês) (LI, 2003, p.57).

De acordo com HUANG (2012), os quatro elementos referidos podem ser especificados da seguinte forma: discurso refere-se a signos linguísticos, inclui as expressões vocais e palavras escritas; imagem contém uma variedade de imagens e cenas vívidas; significado é uma conotação representada pela signo linguístico e imagens; Tao significa a verdadeira, o ideal e a beleza escondida atrás das representações.

---

<sup>41</sup> (texto original) 在东方智慧中，传播不是按子弹的线性轨道来发生左右，而是按“风行草偃”的模式来发挥影响。大众传播的信息不像线性运动的子弹射向受众，而是像风吹过大地，扰动草原一样影响受众。它在效果上不是击中便倒，而且风行草偃，风过草立，会反复出现。而且，在影响方式上，也不是线性的，强制性的，而是无形的，熏陶式的。

Esse embasamento teórico facilita leituras minuciosas dos jornais chineses criados pelos imigrantes chineses no Brasil. O processo de desmontagem da significação e interpretação da informação mística desse tipo de comunicação em massa pode ser visto como um processo que combina os elementos de DIMT. Deste modo, destaca-se que o Tao neste contexto, pode ser entendido como um reconhecimento do pertencimento étnico nos anos de exílio, e uma espécie de reconstrução da multiplicidade da identidade cultural.

Enfim, identifica-se que o modelo DIMT trata de uma derivação da Semiologia e Mitologia pertinente para a análise da mídia impressa chinesa no Brasil. As notícias, reportagens, colunas, comentários, fotos, propagandas, manchetes construíram esse imaginário simbólico de meio de comunicação comunitária. Nesse espaço, encontram-se os sentidos sociais e ideológicos dos chineses, o poder do controle do discurso e a construção da realidade migratória - assim, produzindo novas dimensões da identidade sino-carioca.

#### **4.2 Análise do discurso dos jornais chineses no Brasil – a desestruturação do mito midiático**

A metodologia que será usada neste capítulo para desestruturar os sentidos midiáticos que os jornais chineses carregam é a pesquisa qualitativa – análise do discurso. Devido ao uso de linguagem diferente dos dois jornais (um em chinês tradicional e outro simplificado) e a irregularidade da sua publicação nos primeiros anos, uma análise quantitativa e computadorizada da análise do conteúdo restringiria a visão panorâmica e científica dos jornais. Conforme o método da análise de discursos do semiólogo brasileiro Milton José Pinto,

...procura interpretar textos ou imagens, decifrar significados evidentes ou latentes, ler nas linhas ou entrelinhas: a análise investiga os modos de dizer, os modos de mostrar e/ou os modos de seduzir; destaca traços recorrentes e invariantes de operações de enunciação a partir das marcas que essas operações deixaram na superfície textual, no verbal e no não verbal, e os organiza sob a forma de regras (PINTO, 1995, p147).

Para o autor, no caso da análise da imprensa, não se pode separar o texto da imagem. Assim, os dois elementos referidos devem ser estudados em conjunto, tal

como a diagramação, a edição gráfica e a disposição de materiais (PINTO, 2009, p. 110).

A coleta de dados que serão apresentados ocorreu nos meses de abril e maio de 2017. O acesso aos materiais jornalísticos foi na biblioteca da Igreja Missão Católica Chinesa em São Paulo, na Rua Santa Justina 290, no bairro Vila Olímpia. O lugar guarda as edições do Jornal Chinês Americana desde a sua primeira publicação, e algumas edições antigas do Diário Chinês para América do sul.

Devido à grande quantidade de materiais, foram escolhidos nesta pesquisa dois períodos de tempo para análise: as edições dos anos de 1961-1962 e 2016 (mês de agosto e setembro) do Diário Chinês para América do Sul e as edições de 1983 e 2016 (mês de agosto e setembro) do Jornal Chinês Americana. Trata-se de dois momentos representativos para entender a ideologia inicial dos dois jornais e como eles dialogam atualmente.

A sensação de folhear os jornais chineses mais antigos no Brasil - dos anos 60 - é uma mistura de curiosidade com nostalgia. Com os papéis já amarelos e as letras quase apagadas, a experiência de imersão na escrita construída por caracteres de chinês tradicional é comparável como uma viagem de trem que regressa aos tempos passados. É ali que se guarda silenciosamente a memória dos imigrantes chineses, seja nas fotos que registram as ocasiões comemorativas, nos obituários que despedem os anciões ou nas propagandas das lojas de lavanderia, restaurantes, companhias de navio de transporte, etc.

Na edição do dia 10 de Fevereiro em 1962 encontra-se uma pequena reportagem na página 5 sobre o jantar organizado pelo próprio jornal na ocasião da celebração do Ano Novo Chinês:

Para matar a saudade da China, muitos participantes começaram o jogo de bebida tradicional, o ato e barulho que fizeram atraíram os olhares curiosos de muitos passageiros. Nunca entenderão os estrangeiros que nós, os centenas de chineses, estávamos celebrando o ano novo chinês cuja história conta com milhares de anos. Essa é a nossa tradição guardada pela grandiosa nação chinesa(Tradução nossa, 1962)<sup>42</sup>.

---

<sup>42</sup> 亦稍增祖国之思，猜拳行令，声达场外，路人均投以好奇之目光。洋人决不知百余华侨正聚此庆祝我达中华民族已保留数千年之中国新年也。

Figura 4 A apresentação do Jornal Chinês do Brasil dos anos 60.



Fonte: Jornal Chinês do Brasil, 20 Out, 1961

Figura 5 A apresentação do Jornal Chinês Americana dos anos 80.



Fonte: Jornal Chinês Americana, 14 de setembro de 1983

Nota-se, então, que perante ao olhar estranho dos brasileiros, os imigrantes chineses se defendem orgulhosamente com a tradição do país de origem. Isso faz lembrar o trabalho de campo realizado por mim. Com a passagem de mais de meio século, os chineses continuam a se reunir nos dias festivos chineses no território brasileiro, para saborear aquela comida familiar, decorar o seu lar com os ornamentos tradicionais, bater papo um com outro em sua língua regional e, assim, renovando constantemente a sua identidade cultural chinesa.

Outro exemplo disso é comunicado publicado no mesmo jornal por Lei Mei Chia, secretário-geral da embaixada de Taiwan na época, no dia 10 de Outubro de 1961, na ocasião da comemoração do 50º Aniversário da Fundação da República da China. As mensagens dos oficiais do governo taiwanês salientam a importância da preservação da cultura tradicional chinesa:

Como estamos residindo num país que não é nossa terra natal, devemos respeitar a lei local, ser trabalhadores, se esforçar para progredir e ajudar os outros. E pela união e pela cooperação que poderemos alcançar o que desejamos. Para que haja tranquilidade e felicidade na sociedade é imprescindível a união e solidariedade de seus membros... precisa seguir as teorias de Confúcio.(LEI, 1962).

De semelhante forma, no primeiro ano da publicação do Jornal Chinês Americana, também se encontram argumentos com tom que possui leve toque do nacionalismo cultural. No dia 4 de Outubro de 1983, na primeira edição do jornal, o fundador e o diretor do jornal destaca:

A cultura chinesa possui longa história... todos os chineses devem se sentir orgulhosos da nossa cultura, é a obrigação de todos nós promover a nossa cultura. O América do Sul fica dezenas de milhares de quilômetros de distância do nosso país... esse jornal tem a finalidade de cooperar e fortalecer a comunicação cultural entre China e os países latinos (Tradução nossa, 1983)<sup>43</sup>

Segundo PARK(1922, p359), cuja teoria sobre a imprensa migratória influencia bastante o desenvolvimento deste trabalho, os jornais criados por imigrantes são frutos de várias influências sociais. Esse tipo de mídia desempenha um papel importante na mudança do sentimento e atitude dos imigrantes em relação ao

---

<sup>43</sup> (texto original) 我中华文化历史悠久...是每个中国人的骄傲,亦是每个中国人所应致力发扬广大的。南美距我国土千万里之遥...本报愿加强与南美国家文化交流,增加彼此之民族感情。

seu país de origem e de chegada. Assim, os jornais escritos na língua materna dos imigrantes, podem acelerar ou retardar o processo de assimilação. O seu discurso jornalístico pode evidentemente construir interesses e afeições dos imigrantes ao seu destino migratório.

Este trabalho observa que o uso da linguagem dos jornais dessa época inicial do seu estabelecimento é prioritariamente oral, com bastantes expressões coloquiais. Além disso, possui um tom autodepreciativo perante aos problemas da redação – as dificuldades de sustentação financeira da entidade, as vozes críticas dos leitores de interesse político diferente, etc. Os assuntos que tratam os aspetos socioculturais dos “outros”, neste caso, dos brasileiros, frequentemente aparecem nos trechos do jornal.

Considera-se isso como uma manifestação da situação de convivência dos chineses recém-chegados com os locais, e também uma tentativa de interpretação sociocultural do país de destino pelos chineses. Nessa época, a função do jornal possuía características mais práticas e pragmáticas, como se fosse uma janela aberta ao mundo de chegada. Através dessa mídia, os chineses observam os detalhes da vida quotidiana da sociedade brasileira híbrida e, ao final, tomam a decisão de se tornarem parte de seus valores (ou não).

Nas primeiras edições do Jornal Chinês Americana, encontra-se a coluna de Guan Hansheng, professor da USP formado pela Universidade de Purdue nos Estados Unidos. A coluna titulada de “Conhecer o maior país da América do Sul – o Brasil”, traz os artigos de Guan (1983) que envolvem diversos temas: cultura brasileira, clima, preços de commodities, costumes, qualidade de vida, política, a paixão dos brasileiros pelo futebol, samba, praia, etc.

Conforme um trecho do artigo publicado que ocupa um quarto da página 4, em 14 de Setembro, 1983, na fase inicial do jornal:

Semelhante aos orientais, os brasileiros possuem valores familiares aprofundados. No entanto, devido à influência da tradição da etnia latina, eles têm natureza romântica e otimista, e são extremamente amigáveis e harmonizados com os estrangeiros. Isso quer dizer que o Brasil é um verdadeiro paraíso para os imigrantes (GUAN, 1983, tradução nossa).<sup>44</sup>

---

<sup>44</sup>(texto original)巴西人家庭观念颇为深厚，类似东方人，且因受传统拉丁民族之影响，故颇富浪漫气息且乐观天性，对外来的人通常极为友善和睦，对移民来说，应算是乐园之一。

Os argumentos de tom de publicidade de Guan (1983), são apresentados de certa forma, com a fim de incentivar a integração dos imigrantes chineses à sociedade brasileira. Vale recordar que a filosofia tradicional chinesa, o conceito de piedade filial<sup>45</sup> é uma virtude central na organização da microsociedade doméstica chinesa. A relação das gerações mais jovens com os seus anciãos se constrói com base do respeito e obediência.

No jornal do dia 25 de Outubro de 1983, uma propaganda da companhia Aérea estadunidense Pan Am destaca-se na primeira página da publicação. A mensagem escrita está em português “Visite o Dragão”, e em chinês “temos voos diários para te convidar a conhecer a Ásia Misteriosa” e com as linhas operadas entre São Paulo e diversos destinos asiáticos. A imagem é de um dragão que ocupa grande parte da propaganda, simbolizando o outro lado do planeta – a terra natal.

**Figura 6** Propaganda do jornal chinês da companhia aérea Pan Am.



Fonte: Jornal Chinês Americana, 25 Out. 1983, p.1.

A linguagem conotativa que ambas letras e a imagem referidas contém, pode ser interpretada como a intenção de distanciar a origem dos leitores. A nação que é naturalmente vista como algo familiar e afetiva para os imigrantes, neste caso, se torna uma figura mística e misteriosa. Por outro lado, os chineses dessa época já estão se inserindo pouco a pouco à sociedade brasileira.

Na manchete da edição do jornal em destaque na figura 6, em 18 de Novembro, 1983, uma pintura que registra o fato dos primeiros coolies no Jardim Botânico do Rio de Janeiro chama atenção do leitor. Ao lado, escrito “Grande Descobertura - os Chineses sendo os primeiros imigrantes orientais no Brasil”,

<sup>45</sup> Em chinês Xiao(孝), na filosofia confucionista é uma virtude de respeito aos seus pais e antepassados.

destaca o trabalho acadêmico sobre a história chinesa no Brasil do professor da USP, Yang Zongyuan.

**Figura 6** Reportagem sobre a chegada dos primeiros coolies no Rio de Janeiro, publicado no Jornal Chinês Americana.



Fonte: Jornal Chinês Americana, 18 Nov. 1983, p5

Yang faz forte crítica sobre a situação da integração dos chineses à sociedade de recepção:

Mesmo que os chineses sejam os primeiros imigrantes do Oriente que chegaram no Brasil, a posição social deles hoje em dia fica bem atrás dos japoneses. A razão é a falta de uma política de imigração concreta implementada pelo governo chinês (YANG, 1983, tradução nossa).<sup>46</sup>

O destaque do jornal no assunto referido demonstra sua preocupação perante às questões da assimilação dos imigrantes chineses no Brasil. Uma divulgação da notícia voltada à chegada dos primeiros chineses no território, acompanhando a imagem ilustrativa, construíram o imaginário do tal fato histórico dos leitores. Ao mesmo tempo, aumenta orgulho étnico do povo chinês e estimula a sua vontade de

<sup>46</sup> (texto original) 来自中国的华工在时间上较日本人为先，但是华侨在巴西的地位却远不如后来居上的日本人，其原因在于我国自古以来，因地大物博而缺乏具体的移民计划，以及与不易团结的民族性有关。

subir nas escalas sociais mais elevadas. As linguagens verbais e não verbais, mais uma vez, são usadas para desestruturar a significação midiática.

Além da valorização de tradição pelos jornais, uma transformação em relação à função política também se anota ao longo do seu desenvolvimento. Na obra clássica sobre os estudos midiáticos chineses *A História do Jornalismo Chinês*, GE (1927, p267) mantém tom crítico diante de jornais chineses no ultramar, e ainda propõe a intervenção do governo chinês no processo de controle desse tipo de meio de comunicação. Tal proposta, segundo o autor, não sustenta apenas a interconexão do afeto entre os imigrantes chineses e a sua pátria-mãe, mas também beneficia evidentemente os negócios deles no exterior.

O autor destaca quatro dificuldades do desenvolvimento dos jornais chineses no território estrangeiro: ausência da educação sistemática da língua chinesa nos destinos migratórios; a falta de profissionais da área de comunicação (pelo perfil dos imigrantes chineses na época serem empresários e estudantes); o uso de jornais como ferramenta de conflitos de ideologia política dos partidos; e a interferência do discurso estrangeiro anti-China (GE, 1927, P267).

No caso dos jornais chineses que floresceram no Brasil, o processo de seu desenvolvimento demonstra os conflitos da ideologia política através do discurso jornalístico - a luta entre os Nacionalistas de Taiwan e os Comunistas de Pequim desde 1960. Como destaca SHU (2017), o Brasil sempre foi um campo de batalha entre os dois partidos devido ao fato de ter abrigado o número significativo de imigrantes chineses.

Nos anos 60, o diretor do jornal *Diário Chinês para América do Sul*, Wang Zeng-I, afirmou que “foi um dos poucos jornais no Brasil com característica de liberdade de discurso”. Além de aludir o período da ditadura militar no Brasil, que a censura do governo veio prejudicando gravemente a liberdade de expressão dos produtos midiáticos e culturais da época, o jornal também não tinha laço político com as instituições oficiais de nenhum lado dos partidos.

Porém, houve uma constante cobertura pelo jornal em relação às celebração da data da fundação da República da China, no dia 10 de Outubro, todos os anos. Isso era quase um ritual desse jornal antes dos anos 90. Além disso, nas notícias e colunas

publicadas, o jornal insistia na ideia de solidariedade dos taiwaneses no ultramar. Mesmo no ano 1976, com a mudança histórica das relações bilaterais entre Taiwan e o Brasil, a saber, a perda do assento de Taiwan nas Nações Unidas, o jornal reafirmava sua postura anticomunista e separatista no seu conteúdo.

No entanto, devido à intervenção do Gabinete de Assuntos Chineses no Exterior do Conselho de Estado nos anos 90, o Diário para a América do Sul começou a se aproximar definitivamente com Pequim. Uma equipe de jornalistas e editores patriotas da China continental foi enviada a capital paulistana para desempenhar o papel da redação e seleção do conteúdo do jornal. Percebe-se que o perfil do jornal sofreu uma mudança fundamental a partir desse momento.

Uma das evidências dessa transformação ideológica se encontra nas manchetes dos jornais atuais. Hoje em dia, o enfoque do jornal são normalmente sobre os acontecimentos internacionais, porém, uma característica está destacada: a imagem positiva de uma China responsável e cada vez mais poderosa na escala mundial. Conforme a apresentação da página inicial do jornal do dia 5 de agosto do ano passado, também a data do início dos Jogos Olímpicos do Rio 2016:

Figura 7: Manchete do Diário Chinês para América do Sul.



Fonte: Diário Chinês para América do Sul, edição 5 ago. 2016.

Nessa manchete, o Brasil, apesar de ser o país-sede deste evento internacional, ficou invisível perante à visita da vice-primeiro-ministro chinesa. Assim, o jornal trata

com destaque a notícia de Liu Yandong, vice-primeiro-ministro do Conselho de Estado da China, sobre sua visita ao Instituto Confúcio da Unesp, em São Paulo. A manchete traduzida seria: “o Instituto Confúcio parece a nós chineses, assim como os anéis olímpicos pertencem à China e ao mundo”.

Na imagem abaixo do título, com as bandeiras coloridas e os descendentes chineses receptivos, percebe-se uma significado da harmonia e solidariedade da relação sino-brasileira. Desta forma, observa-se a clara mudança dos propósitos iniciais do jornal, antes voltado para a vida sociocultural e, hoje em dia, visto como um mecanismo e instrumento de propaganda do governo chinês no Brasil e na América do Sul.

### **4.3 Imigrantes chineses em rede: novas dimensões midiáticas**

Além dos jornais, os imigrantes chineses também se mantêm informados de diversas maneiras. Para adquirir uma ideia panorâmica sobre o consumo midiático dos imigrantes chineses no Rio de Janeiro, utilizou-se o questionário como o instrumento de investigação (Anexo I). Durante o mês de julho de 2017, foram recebidos no total 50 questionários preenchidos via online. Os entrevistados possuem faixa etária de 21 a 52 anos e são de regiões variadas como Cantão, Zhejiang, Anhui, Pequim, Taiwan etc. A ocupação deles varia da área de comércio e restauração a universitários e professores, etc.

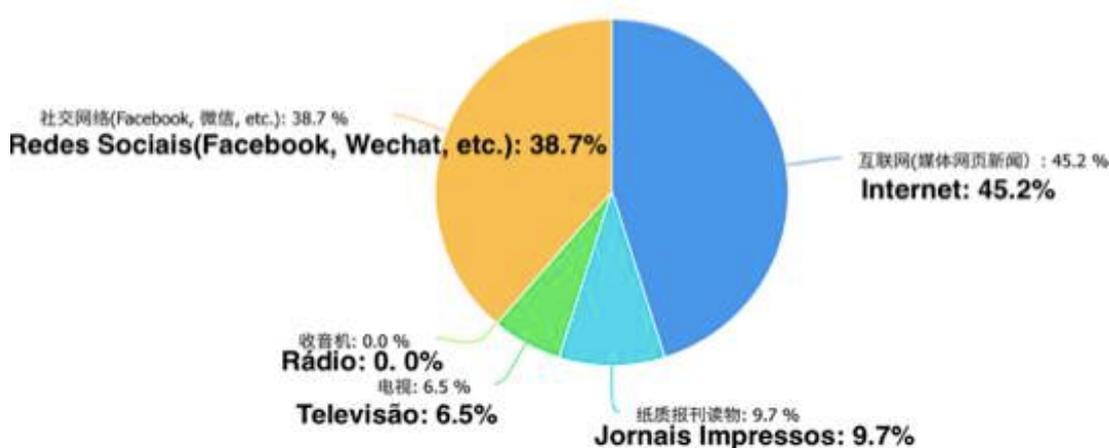
Os dados mostram que 77.4% dos sino-cariocas entrevistados já ouviram falar dos dois jornais chineses no Brasil, sendo que maioria deles conhece o Diário Chinês para a América do Sul (70.4%). A língua de preferência para o acesso de notícias é o mandarim (chinês simplificado), atingindo 64.5%, enquanto menos de 10% dos entrevistados leem notícias em português. Os conteúdos informativos que mais interessam os entrevistados encontram-se nas notícias da economia e política da China e no Brasil, com 67.7% e logo depois, são as atividades e festas dentro da comunidade chinesa no Rio de Janeiro, com 38.75.

No gráfico abaixo (gráfico 8), mostra-se os canais de notícias mais populares entre os chineses entrevistados. Percebe-se, neste caso, que as plataformas de noticiários online ocupam a maior percentagem (45.25%), quase metade do alvo das

entrevistas prefere se informar através da internet. As redes sociais são também bastante utilizadas pelos sino-cariocas, como Facebook, Wechat – representando 38.7% dos entrevistados.

Além disso, uma porcentagem relativamente baixa do consumo da mídia impressa destaca-se na imagem, pois apenas 9.7% de imigrantes ainda estão habituados em ler os jornais, revistas e periódicos impressos em chinês. Também, perante a questão da função dos jornais étnicos chineses, os imigrantes manifestam com opiniões diferenciadas. Entre elas, 41.9% dos sino-cariocas criticam que esse meio de comunicação serve apenas como um imaginário da comunidade chinesa e são pouco competitivos comparados com os jornais locais.

**Figura 8** - Gráfico da porcentagem de consumo midiático pelos sino-cariocas em diferentes mídias



Ao analisar os resultados, pode-se inferir um possível declínio da popularização dos produtos midiáticos impressos entre os sino-cariocas. Ao mesmo tempo, a internet e as redes sociais vêm mostrando tendência de rápido crescimento. Como destaca Mark Zuckerberg (2017)<sup>47</sup>, o fundador da maior rede social do mundo, o Facebook, os usuários dessa ferramenta midiática possuem poder semelhante aos pastores de igreja, sendo que ambos criam uma sólida comunidade e uma identidade em comum:

<sup>47</sup> Acesso em 30 junho, 2017 <<http://www.independent.co.uk/life-style/gadgets-and-tech/news/facebook-mark-zuckerberg-social-network-users-church-pastors-morality-responsibility-divided-society-a7810296.html>>

Todos nós temos o significado de suas próprias comunidades. Sejam igrejas, equipes esportivas ou grupos da comunidade, eles nos dão a força para expandir nossos horizontes, concentrar em questões mais amplas...comunidades nos dão a sensação de que nós fazemos parte de algo maior que nós mesmo, que somos solidários, e temos algo melhor pela frente para se trabalhar (ZUCKERBERG, 2017)

Assim, a internet vem tomando o lugar na popularidade das mídias tradicionais, no caso, as impressas, por ter acesso individual e facilitado. As novas mídias - os sites e as redes sociais auxiliaram nesta pesquisa. Numa das ruas labirínticas e barulhentas do bairro central do Rio de Janeiro – Saara, localiza-se uma pequena lanchonete chinesa de cerca de 30 metros quadrados nomeado “Joia Bebida”<sup>48</sup>. No entanto, aqui não se vende pastel frito com caldo de cana - o tradicional combo que se encontra nas pastelarias de donos imigrantes chineses da cidade. A protagonista do cardápio é um tipo de panqueca chinesa com pasta de soja, comida típica de rua da região norte da China. Com mais de 80 panquecas vendidas por dia, a lanchonete é um pedaço do céu com lanche autêntico da China que conquistou o gosto de muitos sino-cariocas.

Atrás do balcão humilde e simples da loja, o dono proveniente de Anhui, fica olhando atentamente a tela do computador, com janela do aplicativo de conversa Wechat em funcionamento. Num país como China, onde é implementada a política rigorosa da censura e controle da internet, o Wechat vem substituindo o lugar das redes sociais proibidas no território chinês, tais como o Facebook, o Twitter, o Instagram, etc, e se tornou um dos aplicativos de conversa mais utilizados no planeta. Lançado pela empresa Tencent em janeiro de 2011, o Wechat oferece um serviço multiplataforma de mensagens instantâneas, E-commerce e pagamento virtual.

Com a criação de um grupo de conversa no Wechat com cerca de duzentos membros – a maioria deles comerciantes do Saara e funcionários que trabalham no centro da cidade, o dono da lanchonete mantém comunicação efetiva com seus clientes. Há mensagens sobre a divulgação de novos pratos, pedidos de comida, acontecimentos da comunidade, brincadeiras, novas amizades e, sobretudo, as interligações e conexões entre os chineses do Saara. Observa-se que muitos clientes

---

<sup>48</sup> A lanchonete localiza-se na Rua Regente Feijó, 110c.

sino-brasileiros preferem efetuar o pagamento através dessa plataforma - basta escanear o código QR do vendedor. Como o fenômeno de sociedade sem dinheiro a ocorrer na China atualmente<sup>49</sup>, um micro cashless society também se encontra na fase de formação dentro da comunidade chinesa no Brasil.

Nesse contexto, o sociólogo pós-moderno Castells (2003) desenvolve o conceito de Sociedade em Rede, que é construído a partir de uma análise da era de informações. Destaca-se, então, a Internet – o novo paradigma sociotécnico. Segundo Castells (2003), a função da internet na construção dessa sociedade é justamente processar a virtualidade e transformá-la em nossa realidade.

Os indivíduos constroem as suas redes, online e offline, sobre a base de seus interesses, valores, afinidades e projetos. Devido à flexibilidade e ao poder de comunicação da Internet, a interação social online desempenha um papel cada vez mais importante na organização social no seu conjunto. Quanto se estabilizam na prática, as redes online podem construir comunidades, ou seja, comunidades virtuais, diferentes das comunidades físicas, mas não necessariamente menos intensas ou menos eficazes em unir e mobilizar (CASTELLS 2007, p.161).

Além desse cenário de utilização das redes sociais, os chineses também se conectam através de plataformas online, como os sites BRASILCN.COM e BNQW.COM. O portal BRASILCN.COM foi fundado em 2009 pelos imigrantes chineses da primeira geração, que vieram de Shaoxing, província de Zhejiang e se estabeleceram no Brasil há mais de dez anos. A iniciativa tinha como objetivo criar uma BBS (sigla em inglês: bulletin board systems) para conectar os chineses da China e os huarens já migrados ao Brasil. Zhou (2017) explica que a BBS era uma plataforma de compartilhamento de informações no exterior muito importante para a comunicação entre os imigrantes.

Durante a entrevista com Zhou (2017), chefe do departamento de negócios do site, ele salientou a mudança da relação entre tempo e espaço no site, a saber, o rompimento das fronteiras entre essas duas noções. Diferente das mídias impressas e rádios, o portal não sofre restrições geográficas e temporais, todas as informações e notícias publicadas podem ser encontradas em sua integridade pelos usuários. Conforme a Zhou argumenta:

---

<sup>49</sup> Disponível em: <https://exame.abril.com.br/revista-exame/a-china-sera-o-primeiro-pais-sem-dinheiro/>. Acesso em 10 de janeiro, 2018.

Todas as informações no nosso banco de dados podem ser pesquisadas e acessadas pelos usuários, por exemplo, uma notícia do ano 2010 pode ser útil para o novo usuário cadastrado em 2017. Hoje em dia a BBS depois de três vezes de atualização apenas faz parte do site. Lançamos o nosso aplicativo próprio no celular, e também ocupamos o espaço das redes sociais, como Wechat, Weibo, etc (ZHOU, 2017, tradução nossa).<sup>50</sup>

As falas de Zhou em relação ao tempo-espaço faz lembrar as teorias de David Harvey, sobre a condição da pós-modernidade. Segundo Harvey (1990), na era presente da comunicação digitalizada, o tempo tem sido comprimido por reduzir a distância entre pontos diferentes no espaço. Ao mesmo tempo, a sensação do espaço deixou as pessoas sentirem que o espaço local, nacional e global se tornaram obsoletos.

Hoje, o site referido já se tornou o maior portal chinês no Brasil e entre seus usuários concentram-se empresários, investidores e financiadores. A sede do site encontra-se em São Paulo e conta com uma equipe de 15 funcionários. O número de visitas ao site, aos aplicativo e ao Wechat atinge mais de cem mil. O portal possui cerca de 8 mil membros, enquanto o aplicativo possui aproximadamente 10 mil usuários. Zhou (2017) relembra que:

Nossa meta é oferecer informação em primeira mão para os imigrantes chineses no Brasil, e criar uma plataforma para os chineses da China e do Brasil trocarem ideias e compartilharem recursos. Para resolver os problemas encontrados pelos usuários, ajudamos todos os nossos usuários a se integrarem melhor na sociedade brasileira (tradução nossa, *ibidem*).<sup>51</sup>

Já o site BXQW.COM foi fundado no bairro da Liberdade em São Paulo, em Janeiro de 2006 pelas associações chinesas patriotas no Brasil. Comparando com BRASILCN.COM, esse site se aproxima mais com a comunidade chinesa no Brasil e se interessa pelas atividades socioculturais deles. Um ponto de vista mais humanista encontra-se nas publicações frequentes das colunas escritas por políticos, escritores, poetas, críticos culturais e historiadores sino-brasileiros. A seguir, destaca-se a função do site:

---

<sup>50</sup> (texto original) 我们发布的所有信息和新闻都是可以反复搜索的，所有信息都在我们的数据库里面随时可以查阅，一条2010年的生活服务信息，有可能对于2017年的新用户依然受用。我们现在以及在原来的BBS论坛基础上进行了3次改版升级。

<sup>51</sup>给中国和巴西以及南美的华人华侨传递第一资讯和信息服务，我们的目标就是给所有中国的和巴西的华人提供一个平台可以分享交流，资源互补。我们不敢说对构建华人身份有何种意义，但是我们可以帮助每一位我们的用户更好的融入巴西和解决在巴西遇到的问题，发展的瓶颈。

O objeto do serviço são todos os huarens e huaqiaos no ultramar que reconhecem a nação chinesa, independentemente da sua religião e origem. Ao mesmo tempo, gostaríamos de promover como esforço a unidade, prosperidade e harmonia da comunidade chinesa no Brasil (tradução nossa).<sup>52</sup>

Vale lembrar que, a internet também veio substituindo o lugar da televisão por satélite ou por cabo, e se tornou a plataforma preferida da maioria dos imigrantes chineses para assistir os programas da terra-natal nos últimos anos. Conforme em baixo algumas entrevistas realizadas com imigrantes chineses no Brasil.

O dono da mercearia de produtos asiáticos, Mei-jo, localizado no bairro de Copacabana, fez o gesto de “não” com a mão enquanto eu lhe perguntei se falava mandarim, riu-se e passou a se comunicar comigo em português. Proveniente de Cantão e se estabelecido no Rio de Janeiro há mais de vinte anos, ele confessou que utilizava um sistema de cabo de televisão dos Estados Unidos para assistir canais chineses. No entanto, apontando para o smartphone na mesa, explicou que hoje em dia tudo fica mais acessível na internet do celular. Através de diversos aplicativos instalados na sua tela pequena na mão, as imagens vivas de telenovelas, as reportagens em mandarim e outros acompanham o cotidiano do lojista.

A outra sino-brasileira entrevistada, Yuan Aiping, fundadora do Centro Cultural China – Brasil, recebeu o Título de Cidadã Carioca concedido pelo Estado do Rio de Janeiro em 2017 devido à sua contribuição nas trocas culturais e comerciais entre a China e o Brasil. Após mais de vinte anos de moradia na cidade maravilhosa, Yuan confessa que se sente mais carioca que chinesa, porém, sempre mantém-se bem informada sobre os acontecimentos atuais do lado do oriente.

Nos primeiros anos da chegada ao Brasil, Yuan afastou-se e isolou-se às informações da China com a um objetivo pessoal – se integrar à sociedade brasileira e aprender o português. No entanto, devido à popularização da mídia digital nos últimos anos, tornou-se um hábito voltar a assistir os programas da televisão da China no SmartTV conectado online, tais como reality show com os empresários chineses, the

---

<sup>52</sup> (texto original)巴西侨网服务对象不分宗教和地域，凡认同中华民族的华人华侨和海内外读者网友都是我们服务的对象。同时，我们愿为促进旅居巴西华人社会的团结、安宁、和谐、繁荣做出我们贡献。Disponível em: <<http://www.hhlink.com/hhlink/ViewWebsiteCopy.aspx?u=www.bxqw.com&linkname=%u5df4%u897f%u4fa8%u7f51>> Data de acesso julho, 2017.

Voice China, até mesmo programas de namoro entre jovens. Segundo Yuan, através da televisão transnacional, ela pode obter uma perspectiva atualizada dos valores do povo chinês.

O programa “Gala do Ano Novo Chinês” é outro exemplo da popularização da mídia transnacional chinesa, produzido anualmente pela Televisão Central da China (sigla em inglês: CCTV), é um dos pratos mais populares no cardápio da mídia televisionada chinesa no exterior. Sendo um dos programas mais assistidos no planeta - acerca de 700 milhões de visualizadores, a transmissão ao vivo do show acontece na véspera do Ano Novo Chinês e dura cinco horas, contando com várias programações como dança, canto, circo e comédia, etc (WONG, 2013).

O sucesso do programa pode ser visto como fruto da popularização da indústria da cultura em massa no cenário atual. A informação e o discurso transmitido através da tela criam um *habitus* midiático, influenciando o gosto dos seus receptores de diferentes contextos socioculturais. Assim, para além de servir como uma plataforma de propaganda para as ideologias políticas do governo central de Pequim, o programa também pode ser considerado como um símbolo da nação chinesa e uma espécie de sustento emocional para os chineses além-mar. O ato de assistir, torna-se quase um ritual na noite da contagem-regressa do ano novo lunar

Uma reportagem<sup>53</sup> publicada pelo site Chinanews.net no ano novo chinês de 2015, registra a imagem de mais de vinte imigrantes chineses provenientes de regiões diferentes se reunido na data festiva do ano novo para assistir a transmissão do programa supracitado no Brasil. No meio do jantar composto pelos pratos inspirados em diversas culinárias regionais da China, um cantonês entrevistado conta que não se cansa de assistir o programa anual, sendo ele parte da diáspora chinesa. O papel da televisão chinesa repassado no Brasil, segundo o imigrante chinês com sobrenome Yang, é a divulgação ativa da cultura chinesa e a prestação de serviço à comunidade sino-brasileira.

Com a ajuda dos meios de comunicação digital, os chineses convivem e se comunicam num mundo virtual com liberdade da travessia entre as fronteiras espaço-temporais. Ao mesmo tempo, a distância geográfica do Brasil até o extremo oriente se

---

<sup>53</sup> <http://www.chinaqw.com/hqhr/2015/02-20/38723.shtml>

reduze num instante de um click na plataforma virtual do noticiário, as imagens transmitidas pela SmartTV trazem uma versão tridimensional da China até o lar dos sino-brasileiros, e as redes sociais chinesas fortalecem a comunicação entre os chineses recém-chegado e os já estabelecidos. Uma comunidade imaginaria chinesa está sendo construída nas redes no Brasil.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito deste trabalho não é apresentar uma conclusão, nem mesmo o fechamento de um ciclo. Considera-se importante que se deixem reticências no campo de estudo sobre a migração chinesa no Brasil, como estímulo inspirador para novos pesquisadores do ramo dos estudos midiáticos e da comunicação social no âmbito do conhecimento interdisciplinar.

Além disso, esse estudo é fruto de uma construção empírica, a partir da minha vivência da autora como estrangeira, de origem chinesa e residente no Rio de Janeiro. O olhar curioso sempre atento ao som das ruas, às conversas e a escutar o próximo, tornaram-se materiais essenciais para a formulação deste trabalho. De tal modo, um desfecho sumário denominado “conclusão” não seria a forma mais adequada de encerrar o presente trabalho, uma vez que a identidade sino-carioca abordada nele constitui um fenômeno em constante transformação e construção social.

Portanto, vale destacar alguns fragmentos cotidianos desses dois anos de mestrado. Nessas conversas casuais com os sino-cariocas, cuja maioria, pertencente a classes sociais de renda mais alta, percebeu-se o destino migratório - Rio de Janeiro - com seus ideários românticos, categorizado como: querido, amável e - o clichê - “maravilhoso”. Em especial, destaca-se a fala de um ex-funcionário do Consulado da China, cujo sobrenome é Ma, que já se intitula “carioca da gema”, após oito anos de vivência na cidade. Outro exemplo foi um empresário, investidor do setor de petróleo e gás, Yu, sentando no seu escritório na Praia de Botafogo com janela do chão ao teto, elogiando a vista que harmoniza perfeitamente o cartão postal carioca como uma amostra perfeita de “Fengshui”.<sup>54</sup>

Inexiste homogeneidade perante à questão da identidade dentro de uma comunidade étnica. Para os sino-cariocas, que convivem num contexto social de extrema desigualdade social, também não há exceção. No diálogo com os chineses que atuam em pequenos empreendimentos, a exemplo dos trabalhadores das múltiplas pastelarias espalhadas pelas esquinas da cidade, nota-se que essa cidade conhecida por

---

54 Tradução literal: *Feng* (vento) e *Shui* (água), trata-se de um sistema filosófico chinês que harmoniza as pessoas com o ambiente ao redor.

ser abençoada por deus é apenas vista como um ponto de transferência, dentro de um trajeto da migração.

O proprietário da lanchonete situada no começo da Rua Voluntários de Pátria tece críticas sobre o sistema educacional nas escolas públicas, alegando que seus filhos têm aulas apenas até meio dia. Seu destino migratório final, está lá no território de bandeira de Estrelas e Faixas – os Estados Unidos. De semelhante forma, muitos também riram-se depois de ouvir minha intenção de vinda ao Brasil. “Estudar? No Rio de Janeiro?” Para os imigrantes com um aporte econômico relativamente baixo - vulgoso trabalhadores de colarinho azul - a imagem dessa cidade é pouco glamorosa. Tantas vezes, a imagem da Cidade Maravilhosa acaba por ser ofuscada por cenas de crime e violência.

Pequenos detalhes como esses abordados, reforçam as características da complexidade e pluralidade da comunidade chinesa no além-mar. Com a chegada do grande número de imigrantes chineses após a segunda metade do século passado, a identidade sino-carioca ainda se trata de uma questão bem recente. Exemplo disto, uma vez andar de carro particular de um aplicativo de mobilidade, a motorista, sobrenome Pereira Chan, revelou que tinha sangue chinês, herdado de seus avós oriundos do Cantão. Segundo ela, o casamento inter-racial foi permitido só a partir da geração dela sob as “ordens” dos anciãos chineses.

Sendo um tipo de mercadoria especial, os produtos midiáticos chineses que transmitem determinadas ideologias políticas, estéticas e culturais, influenciam seus leitores e modificam o seu modo de ler e interpretar o mundo ao seu redor. A seguir, destaca-se PARK(1922) :

As imprensas, na medida em que conseguem capturar e concentrar a atenção pública, se tornaram um órgão do controle social e um mecanismo através do qual a comunidade se age(PARK, 1922, p,330, tradução nossa)<sup>55</sup>.

A partir das análises contidas no presente trabalho, percebe-se que os jornais chineses nasceram no território brasileiro nas mãos dos intelectuais sino-paulistanos, a partir da vontade de existir, de expressar e de se comunicar em sua língua materna.

---

<sup>55</sup> (texto original) The press, in so far as it succeeds in capturing and centering the public attention, becomes an organ of social control, a mechanism through which the community acts.

Numa época em que ainda não haviam surgido nem internet, nem smartphones, os jornais carregavam uma função informativa e pragmática, preenchendo o tempo de lazer dos seus leitores. Assim, ler os jornais em chinês era uma forma de lembrar e homenagear sua nação já longe, operando como uma ponte de ligação com o Novo Mundo.

Com o passar do tempo, no entanto, os jornais se distanciaram pouco a pouco de seu público-leitor. Pode-se mencionar um decréscimo no número de leitores que ainda se interessam pela mídia tradicional, uma transformação do foco noticiário, da postura política dos próprios jornais, e por fim, os esforços de exercer controle sobre eles, da parte do governo chinês. Por exemplo: o Diário para a América do Sul, após a reorganização da equipe da redação dos anos 90, hoje em dia, pode ser visto como uma publicação oficial e institucional da China por seu tom ortodoxo.

Já o jornal Chinês para a América do Sul, por sua vez, mantém sua postura política e serve mais para a comunidade taiwanesa no Brasil. No entanto, ao analisar os jornais dos anos 80 e os atuais jornais, percebe-se uma diminuição de cobertura sobre a visão sociocultural dos sino-brasileiros. Interpretou-se isso como um sinal do afastamento em relação à realidade e a necessidade da comunidade migratória taiwanesa. Os jornais, dessa forma, se tornaram uma parte do imaginário de “ser chinês”.

Através de análise dos jornais chineses criados no Brasil, percebe-se uma transformação da função da mídia comunitária para mídia institucional e oficial devido à sua constante aproximação com o governo central da China. Porém, um gancho emocional e imaginário do papel dos jornais étnicos chineses permanecem até o atual. A função semiológica e ideográfica da língua chinesa é a base que sustenta essa construção identitária da chinesidades pelos jornais.

No entanto, com o crescimento e a popularização da tecnologia, as novas mídias estão sendo cada vez mais utilizadas pelos sino-cariocas. Os inúmeros sites, portais de notícias online, redes sociais, e mídia transnacional como os programas televisivos e séries chinesas, vêm ocupado o lugar da mídia tradicional. Os chineses se conectam online sem preocupação ou limitação de tempo e espaço, compondo uma gama de novas identidades.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities, Relections on the Origin and Spread of Nationalism*. New York : Verson, 2006.
- BARTHES, Roland. *Elementos de Semiologia*. São Paulo: Editora Cultrix. LTDA, 1964.
- \_\_\_\_\_. *Mitologias*. São Paulo: Editora Difel, 1980.
- BIE, Ye Lin. 浅谈巴西华文报刊与华人社会的关系. *Overseas Chinese Affair Study*. Pequim, 2008
- CASTELLS, M. *Internet e Sociedade em Rede*. Em: MORAES, D. *Por uma Outra Comunicação*. Rio de Janeiro, 2003.
- \_\_\_\_\_. *A Galáxia da Internet: Reflexões sobre a Internet, Negócios e Sociedade*. Lisboa, 2007.
- CHEN, Tai Rong; LIU, Zheng Qin. 中国人在巴西造铁路. 2015.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Ed. Contexto, 2006
- CLAYTON, Cathryn H. *Sovereignty at the edge: Macau & the question of Chineseness*. Cambridge: Harvard University Press, 2010.
- COUTO, Mia. *A China Dentro de Nós em Passageiro Frequente*. Editorial Caminho. SA, Alfragide, Portugal, 2010.
- DINEEN, P.S. *Lectures on the Irish Language Movement*, 1904.
- FOUCAULT, Michel. *The Order of Discourse in Untying the Text: A Post-Structuralist Reader*. P48-78. Boston : Routledge & Kegan Paul. Ltd., 1981
- FREYRE, Gilberto. *China Tropical*. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 2003.
- GE, G, Z. 中国报学史. *A História do Jornalismo Chinês*. Shanghai, 1927.
- GORGULHO, Guilherme. *O Brasil na vida do 'Picasso da China'*. Campinas: Jornal da Unicamp, 2013.
- HARVEY, David. *The condition of postmodernity: An enquiry into the origins of cultural change*. Oxford: Blackwell, 1990.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

- \_\_\_\_\_. *Who needs Identity? Questions of Cultural Identity*. London: SAGE Publications, 1996.
- HUANG, Qing. *A semiotic analysis of China national publicity film: from the perspective of the DIMT Model*. China Media Research, Abril 1, 2012.
- KRISTEVA, Julia. *Strangers to ourselves*. New York: Columbia University Press, 1991.
- KUHN, Phillip, A. *Chinese Among Others: Emigration in Modern Times*. Rowman & Littlefield Publishers, 2008.
- LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2001.
- LI, Siqu. *Three Trends of Contemporary Communication Semiotics*. Pequim: Chinese Journal of Journalism & Communication, 2013.
- \_\_\_\_\_. *东方智慧与符号消费: DIMT模式中的日本茶饮料广告*. Zhejiang: 浙江大学出版社, 2003.
- LI, Zheng Xian. *馬來西亞《光華日報》的中國認識 — 在華僑與華人兩種身份之間*, 臺北市: 臺大政治系中國中心, 2009.
- Luo, Dong Qing. *图象先于声音——论汉字美学的根本特质*. 《江苏社会科学》第5期 147-152页, 2014年.
- MAUGHAM, William Somerset. *The Beast of Burden of On a Chinese Screen*. Heinemann. London, 1922.
- MINNAERT, Ana Claudia. S. *O dendê no wok: um olhar antropológico sobre a comida chinesa em Salvador, Bahia*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2015.
- PARK, Robert Ezra. *The Immigrant Press and Its Control*. New York: Harper, 1922.
- \_\_\_\_\_. *Human migration and the marginal man*. Chicago: The American Journal of Sociology. 1928.
- PINA-CABRAL João; LOURENÇO, Nelson. *Em Terra de Tufões: Dinâmica da Etnicidade Macaense*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1993.
- PINTO, Milton José. *Comunicação e Discurso: Introdução à Análise de Discursos*. São Paulo: Editora Hacker Editores, 1999.

- \_\_\_\_\_. *Semiologia e Imagens no livro A Encenação dos Sentidos*. Diadorim Editora Ltda. Rio de Janeiro, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Para uma semiologia dos discursos sociais*. Rio de Janeiro: ECO-Pós, v.12, n,1, 2009.
- SAID, Edward. *Representações do intelectual*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- Sayad, Abdelmalek. *La double absence*. Des illusions de l'émigré aux souffrances de l'immigré. Paris: Le Seuil, 1999.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Gilberto Freyre: adaptação, mestiçagem, trópicos e privacidade em Novo Mundo nos trópicos*. Mal-estar na Cultura, 2010.
- SHU. Chang Sheng. *Chineses no Rio de Janeiro*. São Paulo: Leituras da História., 2009.
- SHYU, David Jyu Yuan, Jye, Chen Tsung. *Integração cultural dos imigrantes chineses no Brasil*. São Paulo: Revista de Estudos Orientais. 2008
- SIMMEL, Georg. *O estrangeiro*. RBSE - Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, 2005
- STENBERG, Josh. *An Overseas Orthodoxy? Shifting toward Pro-PRC Media in Chinese-speaking Brazil*. Routledge, New York, 2016
- SUN, Wan Ning. *Media and the Chinese Diaspora: Community, Consumption, and Transnational Imagination*. China Media Report, 2012, 3rd edition.
- TU, Wei Ming. *Cultural China: The Periphery as the Center*. Daedalus, Spring 1991.
- WANG, Hui Yao. *Annual Report on Chinese International Migration*. Centre for China and Globalization, Beijing, 2015.
- WANG, Guang Wu. *Greater China and the Chinese Overseas*. The China Quarterly. London: Cambridge University Press, 1993
- \_\_\_\_\_. *The Chinese overseas*. Cambridge: Harvard University Press, 2000.
- WEBER, Max. *Sociologia da imprensa: um programa de pesquisa. Estudos em Jornalismo e Mídia*. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (UFSC), 2015.

XU, R. *Symbolic Structural Theory of Book of Change*. 《周易》符号结构论. 山东大学, 2010.

### **Fontes documentais**

#### **Reportagens publicadas em jornais**

EMBURTY-DENNIS, Tom. *Chinese New Year 2017: Largest migration of human beings in the world underway*. London: Jornal Independent. Disponível em <<http://www.independent.co.uk/news/world/asia/chinese-new-year-2017-fire-rooster-largest-migration-a7546326.html>> Acesso 10 Maio 2015.

属于中国，也属于世界, 5 de Aug, 2016. p1.

欢度春节一片恭喜 *Jornal Chinês do Brasil*, 10 de Fev, 1962, p.5.

GUAN, Han Sheng. *Jornal Chinês Americana*, 14 de Set, 1983, p4.

LEI, Mei Chia. *Jornal Chinês do Brasil*, 10 de Out. 1961, p1.

SÁ, Nelson de. *Jornal Chinês Mantém Ponte com Pequim*. Folha de São Paulo. Junho, 2013.

SUN, Adam. DAZIBAO! *A Guerra de Ideias dos Jornais Chineses em São Paulo*. Revista Piauí, Augusto, 2011.

YANG, Zhong Yuan. *Grande Descobertura - os Chineses sendo os primeiros imigrantes orientais no Brasil*. *Jornal Chinês Americana*, 18 de Nov, 1983, p1 e 5.

#### **Fontes fonográficas e audiovisuais**

JIA, Zhang Ke. *O Mundo* (世界). Produção: Shanghai Film Group Corporation, 2004,143 min.

#### **Entrevistas**

JU, Bao. Entrevista. [30 Nov, 2016]. Entrevistadora: Lou Shuo. Rio de Janeiro, 2016. 1 arquivo. Mp3(20mins)

SHU, Chang Sheng. Entrevista [7 Ago.2016] .Entrevistador: Wang Yuchen. Rio de Janeiro, 2016. 1 arquivo. AVI.(1h30mins)

## ANEXO 1

Questionário:

1. Idade:
2. Origem:
3. Há quanto tempo vive no Rio de Janeiro?
4. Profissão:
5. Já ouviu falar dos dois jornais chineses no Brasil?
  - a. Sim
  - b. Não
6. Se a resposta for sim, qual jornal?
  - a. Diário Chinês para a América do sul
  - b. Jornal Chinês Americana
  - c. Ambos
7. Prefere ler notícias em qual língua?
  - a. Chinês
  - b. Português
  - c. Ambos
8. Que tipo de notícia lhe interessa mais? Escolher a(s) opção(ões) aplicável(eis)
  - a. Notícias sobre a política e economia da China
  - b. Notícias sobre a política e economia do Brasil
  - c. As atividades das associações chinesas no Brasil, notícias sobre a comunidade chinesa
  - d. Literatura(poesia, prosa, etc.)
  - e. Informações práticas sobre recrutamento, aluguel, etc.
9. Qual é o papel dos jornais chineses no Brasil? Escolher a(s) opção(ões) aplicável(eis)
  - a. Divulgação e promoção da cultura tradicional chinesa, reforçar a identidade chinesa no exterior brasileiro
  - b. Ajudar os sino-brasileiros conhecerem melhor a cultura brasileira e integrarem na sociedade brasileira
  - c. Através da leitura dos jornais, incentiva os chineses da segunda e terceira geração aprenderem chinês

d. Apenas constitui a parte do imaginário da identidade chinesa. Perante aos jornais locais em português, são pouco competitivos.

e. \_\_\_\_\_

10. Qual é o seu canal noticiário preferido? Escolher a(s) opção(ões) aplicável(eis)

a. Internet

b. Jornais impressos

c. Televisão

d. Rádio

e. Redes Sociais(Facebook, wechat, etc.)